

Volume 2



**MEMÓRIAS  
(IN)TANGÍVEIS**

**Maria Betânia e Silva  
Robson Xavier da Costa  
(Org.)**

Todos os direitos reservados aos autores. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a devida autorização de seus autores.

Impresso no Brasil. Printed in Brazil.

**ORGANIZAÇÃO**

Maria Betânia e Silva  
Robson Xavier da Costa

**PROJETO GRÁFICO E CAPA**

Leandro Ismael de Azevedo Lacerda

**IMAGEM DA CAPA**

José Rufino, "Inmunditia I", têmpera e acrílica sobre lona, 2020.

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

M533 Memórias (in)tangíveis: volume 2 [recurso eletrônico] /  
Organização: Maria Betânia e Silva, Robson Xavier da  
Costa. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2021.

Recurso digital (11,2MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-212-8

1. Artes Visuais. 2. Arte e Memória. 3. Arte e Educação.  
4. Memória e Estética. I. Silva, Maria Betânia e. II. Costa,  
Robson Xavier.

UFPB/BS-CCTA

CDU:7.01

Elaborada pela Bibliotecária Susiquine R. Silva – CRB15/65



**PPGAV**  
PROGRAMA ASSOCIADO  
DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ARTES VISUAIS UFPA/UFPE

**PROPG**  
PRÓ-REITORIA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO



**Volume 2**

# **MEMÓRIAS (IN)TANGÍVEIS**

**Maria Betânia e Silva**  
**Robson Xavier da Costa**  
(Org.)

## APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado de múltiplas investigações, do campo das Artes Visuais, e direcionado aos que se interessam por processos criadores, reflexivos, formativos e transformadores do SER humano.

Seu ponto de partida nasceu dos estudos centrados na temática da Memória e de suas Narrativas no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE. Reflete sobre os lugares das memórias individuais e coletivas; sobre os tempos e espaços que atravessam as memórias; sobre a importância delas no processo de formação e, especialmente, suas relações multissensoriais.

(Re)visitar tempos e espaços provocados pelos disparadores dos sentidos no acionamento das memórias, possibilita encontros com alegrias e tristezas, saudades e apatias, aconchegos e distanciamentos, prazer e dor, justiça e injustiças, calor e frio, fome e sede, confiança e medo, enfim descobertas e aprendizagens.

A diversidade das experiências, aqui apresentadas, representam trajetórias múltiplas e complexas das/os autoras/es que possuem um fio em comum: entender-se como SER, compreender os multiversos em que estamos inseridos e estabelecer sentidos para o existir.

personificadas por meio de narrativas plurais, demonstrando o potencial da experiência na formação da/o pesquisador/a em/sobre Artes Visuais e os enfrentamentos necessários para o processo de autoconhecimento.

Esta obra consiste na partilha de narrativas de territórios sagrados, memórias particulares e autobiográficas, tesouros, até então, guardados em lugares profundos que foram trazidos à superfície e transformados em produções artísticas.

Desejamos uma excelente leitura!

**Robson Xavier da Costa**  
**Maria Betânia e Silva**

# SUMÁRIO

<b>MEU TÊXTIL: ENTRE AS TRAMAS QUE ME NARRAM.....</b>	<b>9</b>
Cássia Cristina Dominguez Santana	
<b>MEMÓRIAS E OS CINCO SENTIDOS NO CAMPO DAS ARTES VISUAIS.....</b>	<b>23</b>
Cláudia Magalhães R. dos Santos de Andrade	
<b>RETRATO REVELADO.....</b>	<b>33</b>
Cris Peres	
<b>OS SENTIDOS DA VIDA ATÉ CHEGAR AQUI.....</b>	<b>46</b>
Elthon Ferreira Ribeiro	
<b>DAS PEQUENAS COISAS, UM LAMPEJO.....</b>	<b>54</b>
Emmanuelly Ribeiro de Abreu	
<b>RECUPERANDO E (RE)CONSTRUINDO MEMÓRIAS.....</b>	<b>60</b>
Eva Caroline de Sena Castro	
<b>HISTÓRIA E MAR: DOIS FIOS CONDUTORES.....</b>	<b>70</b>
Geórgia Ribeiro	

<b>RETALHOS DE SENTIDOS.....</b>	<b>81</b>
Ingrid Borba de Souza Pinto Rodrigues	
<b>REVELANDO MEMÓRIAS.....</b>	<b>89</b>
Jayse Ferreira	
<b>ARTE GENERATIVA E MEMÓRIAS: FRAGMENTOS DO EU NAS IMAGENS GENERATIVAS.....</b>	<b>99</b>
Jefferson Valentim	
<b>A VISÃO MÓVEL DE UMA PEDRA ESTÁTICA.....</b>	<b>108</b>
Leandro Alves Garcia	
<b>PERCURSO.....</b>	<b>119</b>
Leandro Ismael	
<b>RUBRO LIAME DA MEMÓRIA.....</b>	<b>130</b>
Louise Gusmão	
<b>A DOR SEM FILTRO.....</b>	<b>143</b>
Luciene Torres de Carvalho Nunes	
<b>CURSO INTENSIVO DE ARTE NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO DOS ARTE-EDUCADORES PERNAMBUCANOS.....</b>	<b>151</b>
Maísa Cristina Silva	
<b>PRIMEIRO ESBOÇO: MEMÓRIAS.....</b>	<b>158</b>
Natália de Araújo Costa	

**DITOS E NÃO-DITOS DE UM PARIR.....163**

Patrícia Correia Vilela da Silva

**A CASA, O TEMPO, O TEMPLO E O PÓ: OS SENTIDOS  
E O FIM.....172**

Raísa Filgueira Soares Gomes

**VIAGEM PELO CAMPO DE GIRASSÓIS.....179**

Raquel Nascimento de Brito Vasconcelos da Silva

**SENTIDO INVERSO.....191**

Rosângela Dias Carvalho do Nascimento

## MEU TÊXTIL: ENTRE AS TRAMAS QUE ME NARRAM

Cássia Cristina Dominguez Santana

"Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.  
[...]  
As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão  
Mas as coisas findas  
muito mais que lindas,  
essas ficarão."

Carlos Drummond de Andrade  
(Memória)

Entre experiências memoriais dos sentidos deparo-me como turista de mim mesma e observo labirintos e conexões que me trouxeram até aqui. Este memorial decorre do laboratório experimental desenvolvido na disciplina Memória e Narrativa em Artes Visuais do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFPB/UFPE), em que produções visuais aportadas na memória foram desenvolvidas a partir dos cinco sentidos. Um mer-

gulho identitário necessário.

Nascida no sul da Bahia, na região cacaueteira, terra dos camacãs, sempre estive cercada pela áurea da região regada a matas, praias e muito cacau. Meu avô materno era espanhol e minha bisavó paterna era indígena. Sou uma mistura de culturas pontuadas por meio de crenças, comportamentos, linguagem e gastronomia.

Cresci imersa em um mundo de têxteis, cacau e muitos desenhos. Da fazenda do meu pai vinha o fruto de ouro que proporcionava sensações ainda vivas na memória. Gostava de observar a minha mãe costurar roupas para suas "três bonecas", como ela chamava a mim e minhas irmãs. Entre o som da máquina de costura, o toque nos tecidos e as cores dos aviamentos guardo sensações quase que palpáveis.

A prioridade dos meus pais era a educação das filhas. Eles sempre me apoiavam nas minhas artes e colavam nas paredes do meu quarto os desenhos que traçava em meio aos meus devaneios de criança. A biblioteca de papai me fascinava desde cedo. Passava horas mergulhada nos livros e nas enciclopédias ilustradas antes mesmo de aprender a ler. Viajava nas pinturas enquadadas nas paredes e nos volumes de culinária de mamãe. Sempre introvertida, preferia os livros e desenhos a brincadeiras na rua. Eu e minhas irmãs reinventávamos o mundo à sombra de um Theobroma cacao. Nos lanches da tarde era dele que vinha o suco feito dos frutos tirados do pé e regados ao som da vitrola.

Muitas histórias se passaram, umas lindas e outras tristes... Senti os efeitos da "vassoura de bruxa" varrendo sonhos e esforçando-se para apagar caminhos. Morei em outros lugares, sofri a perda do meu pai e afastei-me de antigas conexões.

Algum tempo depois voltei à Costa do Cacau para mergulhar no universo acadêmico na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) em Ilhéus. Estudei matemática e engenharia agrônômica, mas um desejo continuava a pulsar. O instinto artístico me estimulava com desenhos, costura e artesanato, e por algum tempo mantive um blog sobre desenhos de moda. Mudei-me para Belo Horizonte e realizei um desejo, me formei em Design de Moda na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG). Hoje, a veia artística me situa no curso de mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e alarga meus horizontes.

De acordo com Nogueira (1998, p. 116), "Na memória superpõem-se presente, passado e futuro." Assim, nesse caminhar identitário enxergo que cada detalhe vivido moldou o meu têxtil, minha vida. Observo que cada situação percorrida na memória contribuiu para o presente. O universo que estive inserida por anos me moldou. A cada segundo estou a tecer novas memórias e tenho carinho por cada uma. Fácil ou difícil, todas me conduziram até este momento. Sem elas não existiriam o "sou". Dessa forma, a construção de imagens no laboratório experimental resultou em sobreposições de tempos das lembranças.

Bosi e Bruch (2012), explica que a memória pode servir como base para construirmos o presente e dela podem derivar vários projetos. Assim, nas minhas produções passeio entre histórias, identidade cultural e formação, construindo tramas a partir de fios da memória.

As ilustrações representam um retorno às raízes: às minhas memórias, origem e formação. Nessas produções os sentidos por vezes se misturam e recriam uma memória pontuada por elementos que ressaltam as sensações experimentadas. Assim, são compostas por técnicas mistas com aquarela, guache, pastel seco, nanquim, colagem têxtil, tecelagem artesanal, costura sobre papel e bordado à mão sobre papel e tecido. Parafraseando Paula Luersen (2015, p. 728), colho nas minhas lembranças experiências que servem de base para as minhas produções.

Para Oliveira (2020, p. 84), por meio do têxtil é possível contar e recontar histórias e fazê-las atravessar os tempos. Aqui, os têxteis se apresentam como o elo entre passado e memória, fios que costuram histórias transformando-as em visualidades.

**Figura 1 – Cássia Dominguez, Entre Tramas, técnica mista, 42x29,7cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cássia Dominguez, 2021.

A primeira ilustração **Entre tramas** abre o enredo das minhas memórias entre têxteis, fazer artesanal e cacau. O bordado à mão em entretela foi sobreposto em um tecido artesanal construído em tear.

**Figura 2 – Cássia Dominguez, Raíz, técnica mista, 42x29,7cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cássia Dominguez, 2021.

**Raíz** exhibe o cordão umbilical das minhas memórias. Lembranças de um carinho e passeios entre os cacaeiros. Um elo trabalhado com linhas sobre papel. Uma ilustração construída com aquarela, guache, nanquim e bordado sobre papel.

Figura 3 – Cássia Dominguez, *Em Pauta*, técnica mista, 42x29,7cm, 2021.



Fonte: Acervo pessoal de Cássia Dominguez, 2021.

**Em pauta** apresenta um musical da minha vida. Os sons que vinham da vitrola, do violino de papai, dedilhar no violão e solfejos que me acompanham até hoje. É uma ilustração sobre papel trabalhada com aquarela, nanquim e costura em máquina.

Figura 4 – Cássia Dominguez, *Paleta*, técnica mista, 42x29,7cm, 2021.



Fonte: Acervo pessoal de Cássia Dominguez, 2021.

**Paleta** exhibe um recorte da paleta visual da minha história, pontuada por cores, texturas, letras e rabiscos. É uma ilustração trabalhada sobre papel com nanquim, guache, pastel seco, colagem têxtil e bordado sobre papel.

Figura 5 – Cássia Dominguez, Camacã, técnica mista, 42x29,7cm, 2021.



Fonte: Acervo pessoal de Cássia Dominguez, 2021.

**Camacã** promove uma travessia dos sentidos e uma elevação de recordações por meio dos aromas do lar. A ilustração foi desenvolvida sobre papel com técnicas mistas como guache, pastel seco, colagem têxtil e bordado sobre papel.

Figura 6 – Cássia Dominguez, José (in memoriam), técnica mista, 42x29,7cm, 2021.



Fonte: Acervo pessoal de Cássia Dominguez, 2021.

**José (in memoriam)** apresenta o lado mais pesaroso, mas também um afago nas lembranças. Ilustrado sobre papel com aquarela, nanquim e colagem têxtil.

**Figura 7 – Cássia Dominguez, Bendito fruto, técnica mista, 42x29,7cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cássia Dominguez, 2021.

**Bendito fruto** consolida as memórias com uma pitada de sabores entre passado e presente. Trabalhada sobre papel com técnicas de aquarela, guache, colagem e bordado sobre papel.

Nas obras apresentadas a linha e o têxtil vão além da representação gráfica, estão fisicamente presentes, delineando as lembranças e aproximando-se do ato de costurar. As linhas e tecidos utilizados costumam memória sobre o papel. As cores, formas, texturas e espaços vazios atravessam os sentidos para dar visualidade ao intangível.

## REFERÊNCIAS

BOSI, E.; BRUCK, M. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. (Entrevista). **Dispositiva**. Belo Horizonte, v. 1 n. 2, (2012): nov. 2012 / abr. 2013. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/4301>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

LUERSEN, Paula. A memória na arte contemporânea: em busca de passados presentes. DE JESUS, S. (Org). In: Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos. 8, 2015. **Anais [...]** Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2015.GT3\\_paulalueresen.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2015.GT3_paulalueresen.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2021.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**. Casa de Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 115-123, jun. 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/TJVSM8CMHGLNZ9t6zBw3dGm/?format=html>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

OLIVEIRA, Natália Rezende. Artes têxteis e narrativas de memória na América Latina. **Estado de alerta!** Encontro ANPAP Sudeste de Jovens Pesquisadores. Niterói, Rio de Janeiro, 2020. p. 75 – 86. Disponível em: [https://b4c4de47-0382-4cd6-801b-97aba7268019.filesusr.com/ugd/86356a\\_ad9dbb30d30d43558485d000c1b1ca7f.pdf\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://b4c4de47-0382-4cd6-801b-97aba7268019.filesusr.com/ugd/86356a_ad9dbb30d30d43558485d000c1b1ca7f.pdf__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 11 jun. 2021.

## MEMÓRIAS E OS CINCO SENTIDOS NO CAMPO DAS ARTES VISUAIS

Cláudia Magalhães R. dos Santos Andrade

Neste trabalho visual, as imagens tiveram inspiração nos textos na disciplina Tópicos Especiais em Processos Teóricos e Históricos em Artes Visuais. Nesse momento tão significativo, vou tecendo reflexões imagéticas, ativando minha memória, meu processo artístico com os cinco sentidos. E assim, a memória vai se consolidando no processo da escrita e imagens, abrindo caminhos para as narrativas, pensando nas Artes Visuais. E as experiências de si, vão se reverberando num tempo e espaço, mergulhando na memória. No tocante, a memória é condição básica de nossa humanidade, tornou-se uma das grandes molduras da produção artística contemporânea, (CANTON, 2009, p. 21,22).

Figura 1 – Cláudia Magalhães, Um olhar subjetivo, bordado com ponto simples, 2021.



Fonte: Acervo pessoal de Cláudia Magalhães, 2021.

Dessa forma, as artes e a memória constituem um progressivo interesse pelo passado. Percebe-se que "o artista reinventa o passado, sobrepondo-lhe suas memórias de infância, brincadeiras de roda, árvores e bichos, testemunhas de alegrias, testemunhas e medos" (BARBOSA, 2007, p. 47). Para Ferreira e Amaral (2004, p.139), "falar de Memória é falar de uma certa estrutura de arquivamento que nos permite experiências socialmente significativas do passado, do nosso presente e de nossa percepção futura." Assim, quando mencionamos a palavra memória, logo vem em mente, recordar as nossas

experiências, vivências tão individuais e significativas, que estão guardadas nas caixinhas do nosso cérebro." Desse modo, refletindo sobre minhas memórias, que são subjetivas, em seguida, com um olhar que vou tecendo fios, que vão entrelaçando e costurando, até chegar num ponto de encontro.

**Figura 2 – Cláudia Magalhães, Escavando minhas memórias, aquarela e nanquim sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cláudia Magalhães, 2021.

Logo, vou disparando minha memória, conduzindo meus objetivos, um percurso com uma viagem imaginária cheia de atravessamentos. Construindo, reconstruindo, costurando ao longo do tempo, com as nossas experiências. Nesse contexto, nas minhas memórias vou lembrando, desconstruindo e selecionando as experiências vividas. A partir desse momento, escavando minha

memória, retrato, assim, de início, com um cordel de minha autoria e intitulado "Rememorando".

Resgatando minhas lembranças  
Momentos inesquecíveis da minha vivência  
Com memórias e histórias vividas com a arte  
De vários caminhos percorridos na existência  
São tantos caminhos trilhados  
Também com as imagens artísticas  
E com recortes das minhas memórias  
com detalhes das produções constituídas

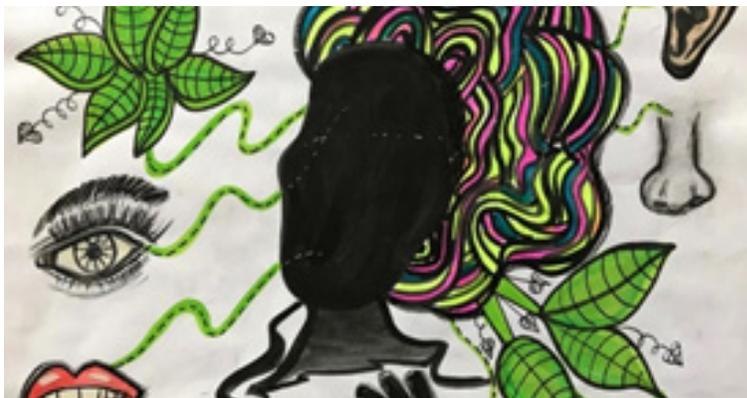
Nesse decorrer vou lembrando  
De maneira gradativa e seletiva  
Assim, a escrita vai brotando  
Escrevendo a trajetória da minha vida.

Compreendendo que na memória  
O passado atua no presente  
Com um olhar de si mesmo  
Quanta recordação existente  
A memória é uma grande experiência  
Escavando imagens da minha vida  
E a arte com significações  
Delineando o meu desejo de pesquisa

(Cláudia Magalhães)

Por sua vez, vou apresentar os bordados das minhas vivências e experiências, a partir dos sentidos e pensando nas Artes Visuais conectando à prática artística. Nessa trilha, vou tecendo as reflexões imagéticas com um fio condutor, ativando minhas memórias e meu processo criativo. Pensemos, a memória está em nós e não só na nossa cabeça, mas, dessa maneira atravessa nossos sentidos. Em seguida, nesse momento, vou convidar você espectador, a fazer uma leitura de imagens das minhas produções artísticas.

**Figura 3 – Cláudia Magalhães, Os cinco sentidos, aquarela e nanquim sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cláudia Magalhães, 2021.

**Figura 4 – Cláudia Magalhães, O olhar com a memória, aquarela e nanquim sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cláudia Magalhães, 2021.

**Figura 5 – Cláudia Magalhães, Arte da escuta, aquarela e nanquim sobre papel, 2021.**



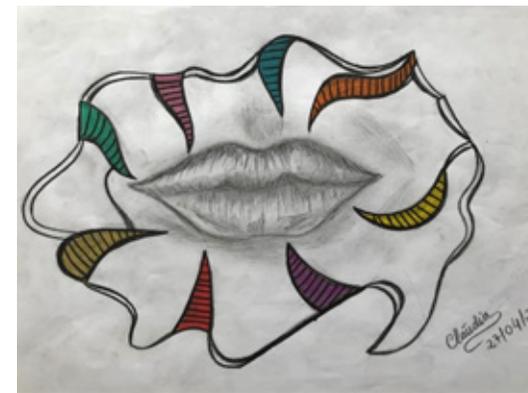
Fonte: Acervo pessoal de Cláudia Magalhães, 2021.

**Figura 6 – Cláudia Magalhães, Toque, aquarela e nanquim sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cláudia Magalhães, 2021.

**Figura 7 – Cláudia Magalhães, Gosto, aquarela e nanquim sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cláudia Magalhães, 2021.

**Figura 8 – Cláudia Magalhães, Respirando a arte, aquarela e nanquim sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cláudia Magalhães, 2021.

**Figura 9 – Cláudia Magalhães, Memórias num tempo, aquarela e nanquim sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cláudia Magalhães, 2021.

**Figura 10 – Cláudia Magalhães, Percepções, aquarela e nanquim sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cláudia Magalhães, 2021.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S. **Legislação e propostas curriculares: há lugar para a imaginação?** In: FRITZEN, C.; CABRAL, G. S. (Org.). *Infância: imaginação e educação em debate*. Campinas: Papyrus, 2007. 139 p.

CANTON, Katia. **Tempo e Memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.62 p. (Temas da arte contemporânea).

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio. **Memória eletrônica e desterritorialização**. *Política & Sociedade*, v. 4, p.137-166, abr. 2004

## RETRATO REVELADO

Cris Peres

Imagine se uma fotografia pudesse acessar a memória de cada personagem retratado, como seria esta imagem?

**Figura 1 – Cláudia Magalhães, Um olhar subjetivo, bordado com ponto simples, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cris Peres, 2021.

O ensaio visual "Retrato revelado" busca recriar por meio de uma mesma imagem, novos resultados imagéticos que sugerem acesso a outras camadas da memória

além das capturadas, como a evocação aos cinco sentidos.

Para a referência teórica utilizei os conceitos de decomposição da memória do antropólogo Joel Candau, apresentados no texto "Memória e identidade segundo Candau" (2011) com autoria de Letícia Matheus, publicado pela Revista Galáxia, São Paulo. Os conceitos abordados pelo autor serão analisados a partir de três níveis da memória: protomemória, memória de evocação e meta-memória. Dentre elas circundam as fortes e as fracas, "a memória forte é aquela estruturante de identidade, capaz de organizar sentido. Já a debilidade da memória se deve à gradativa transformação dos grupos e diluição de seus quadros sociais de memória." (MATHEUS, 2011, p.302).

## RETRATO SENTIDO EM CINCO

Os conceitos do autor foram aplicados a experiência particular da leitura de uma fotografia de família e as intervenções autorais sobre a mesma. Além da justaposição imagética, embrinqueei trechos de cinco poemas da escritora brasileira Cecília Meireles (1901-1964): Elegia, Encomenda, Reinvenção e Retrato.

**Figura 2 – Cris Peres, O senhor vê?, colagem digital e desenho autoral, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cris Peres, 2021.

**Figura 3 – Cris Peres, Teus ouvidos, colagem digital e desenho autoral, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cris Peres, 2021.

**Figura 4 – Cris Peres, Amargo, colagem digital e desenho autoral, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cris Peres, 2021.

**Figura 5 – Cris Peres, E tua narina sensível, colagem digital e desenho autoral, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cris Peres, 2021.

**Figura 6 – Cris Peres, Estas mãos, colagem digital e desenho autoral, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cris Peres, 2021.

A imagem é composta por cinco pessoas registradas por meio de fotografia analógica, feita no início dos anos 1980 durante o aniversário de um dos membros presentes no interím.

Para além do suporte em papel e revelação à cores, a imagem evoca costumes integrados a memória familiar, a relação impregnada a condição afetiva e hábitos sociais de determinado grupo. Desse modo, o significado que ressoa da imagem principal, a que chamo de âncora, se aplica ao que Candau (2011) identifica como protomemória, ou seja, "uma memória social incorporada", onde se expressa por exemplo, "nos gestos, nas práticas e na linguagem, cujo exercício é realizado quase automaticamente, sem um julgamento prévio quase sem tomada de consciência". (IDEM apud MATHEUS, 2011, p. 303).

Nesse caso, o conglomerado de hábitos individuais carrega consigo bagagens de relações anteriores, podendo revelar aspectos sintonizados até aos sentidos humanos. No caso da imagem âncora, organizei os personagens por uma espécie de índice dos sentidos, representado por cores distintas. Assim, cada pessoa corresponde a uma faculdade de sensação.

**Figura 7 – Cris Peres, Índice dos sentidos, colagem digital e desenho autoral, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cris Peres, 2021.

Diante da perspectiva, os sentidos funcionam nesta experiência como disparadores da memória propriamente dita, a que Candau (2011) corresponde como “evocação ou recordação voluntária” (IDEM, apud MATHEUS, p.303). Neste caso, a lembrança acionada pelos sentidos assemelha-se a outras extensões,

como os saberes enciclopédicos, as crenças, as sensações e os sentimentos, que se beneficiam da cultura de memória que promove sua expansão em extensões artificiais. (IDEM, 2011, p. 303).

Com as colagens e sobreposição de imagens, pude virtualizar possibilidades de apresentar alguns sentidos atribuído a cada integrante. As novas camadas adicionadas fazem parte de registros da minha família, relacionados à memória passada e recente da minha mãe e avó, assinaladas pelo índice na cor salmão e amarela, respectivamente. Minha mãe representa nesta leitura o sentido da visão e minha avó materna o paladar.

**Figura 8 – Cris Peres, colagem digital e desenho autoral, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cris Peres, 2021.

Ambas desdobram -se em memórias passadas e recentes, onde a juventude estruturada por muito trabalho e grandes decepções impediu que trilhassem caminhos individuais. A filiação ostensiva provocada nestes casos, pelo que poeticamente chamo de "destino", permitiu que a construção identitária da minha mãe se fundisse com a visão da minha avó, visto que ambas olhavam em simbiose para o mesmo horizonte e provavam com a mesma colher os sabores e dissabores da vida partilhada.

**Figura 9 – Cris Peres, Destino, colagem digital e desenho autoral, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cris Peres, 2021.

O passado atua como disparador para os dispositivos de ativação da memória, ele "está presente agindo nas disposições que produziu nos corpos" (CANDAU apud MATHEUS, 2011, p. 23).

Os sentidos emanados por duas pessoas colaboram para a formação de características individuais, semelhante a metamemória, isto é, à construção identitária. A metamemória é a terceira definição acerca da memória realizada por Candau (2011) e "representa os efeitos do que fazemos com as próprias lembranças, o conhecimento que temos delas." (IDEM, p.303).

Frente a isto, procurei ilustrar com a imagem final as sobreposições das características definidas pelo autor por meio da representação artística. A imagem procura dar sentido ao emaranhado ilustrado pelo reavivamento da memória, possibilita abertura imaginação ao acessar determinado grupo de lembranças de uma só vez e ainda reconhecer-se nelas.

**Figura 10 – Cris Peres, Retrato revelado, colagem digital e desenho autoral, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cris Peres, 2021.

**Figura 11 – Cris Peres, Retrato revelado, colagem digital e desenho autoral, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Cris Peres, 2021.

## REFERÊNCIAS

MATHEUS, Letícia. Memória e identidade segundo Candau. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, 2011.

## OS SENTIDOS DA VIDA ATÉ CHEGAR AQUI

Elthon Ferreira Ribeiro

O ensaio visual intitulado “Os sentidos da vida até chegar aqui” foi composto de fotografias autorais, montagens e frame de um vídeo autoral como: o Titanic em casa (2014):

**Figura 1 – Elthon Ribeiro, Titanic em casa, captura de vídeo digital, 2014.**



Fonte: Acervo pessoal de Elthon Ribeiro, 2014.

Dessa forma contemplei alguns mecanismos e estruturas para a imagetização digital.

O resultado dessa exposição autobiográfica que reúne imagens de 2014 até o presente, ressalta a importância de memórias da infância, passando pela adolescência e chegando ao meu atual momento de pesquisador do mestrado em Computação, Comunicação e Artes com o estudo sobre as plataformas de streaming durante a pandemia do novo Coronavírus em que a arte através dos filmes, séries, novelas e outras produções foram fundamentais para a informação, entretenimento e diversão neste momento tão difícil e que ficará eternamente nas nossas memórias.

Através dos sentidos da audição, visão, tato, paladar e olfato, percorri vários momentos da minha vida sejam felizes ou tristes, benéficos ou de aprendizado, mas sempre na direção de persistir os estudos e a pesquisa, através do incentivo e do diálogo com os amigos, familiares e parentes como discorreu o autor Maurice Halbwachs (2004, p. 43) "é no quadro da família que a imagem se situa, porque desde o início ela estava ali inserida e dela jamais saiu."

Um exemplo disso é a representação do chá de camomila que ao sentir o cheiro já me lembra de eu beber todos os dias com os meus pais no começo da noite.

**Figura 2 – Elthon Ribeiro, Camomila hoje e sempre, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Elthon Ribeiro, 2021.

Outra fase importante da minha vida com os meus amigos é a infância representado pelo sorvete, o qual me faz lembrar dos momentos alegres e divertidos, enfim traz uma memória afetiva agradável.

**Figura 3 – Elthon Ribeiro, Tik-tok da amizade, ilustração digital, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Elthon Ribeiro, 2021.

Durante a disciplina “Tópicos especiais em Processos Teóricos e Históricos em Artes Visuais” me permitiu fazer conexões com as minhas memórias, lembranças e assim aprofundar em cada conhecimento, experiência e vivência acrescentada por meio dos professores Robson Xavier e Maria Betânia, dos textos sugeridos que dialogavam com o conteúdo sobre os sabores das memórias desses sentidos como “El sabor del mundo: Una antropología de los sentidos” de David Le Breton (2007). Um desses sentidos explorados por mim foi a visão que evidenciei na montagem da imagem a seguir.

**Figura 4 – Elthon Ribeiro, Luz do sol, colagem digital, 2018.**



Fonte: Acervo pessoal de Elthon Ribeiro, 2018.

Os colegas, amigos e os profissionais convidados também contribuíram com o aprendizado diante da temática. Foi mais do que uma disciplina, e sim uma oportunidade de retomar momentos psicoterapêuticos e psicossociais que ajudaram a trabalhar melhor as minhas lembranças e memórias que estavam “esquecidas”. Em alguns momentos fiz conexão com filmes da infância como: o Rei Leão e O Senhor dos Anéis que podem ser vistos em plataformas de streaming como: Amazon Prime Vídeo.

Ressalto ainda que a audição é outro sentido bastante aguçado por mim através de músicas que trazem um bem-estar, tranquilidade, não só nas aberturas das aulas, como em várias oportunidades do meu tempo remetendo aos momentos de lazer e até de meditação que realizava em casa.

**Figura 5 – Elthon Ribeiro, Visitando a arte, fotografia, 2017.**



Fonte: Acervo pessoal de Elthon Ribeiro, 2017.

A relação da pesquisa através da fotografia, comunicação e artes nesta disciplina possibilitou a reflexão sobre as potencialidades dos estudos artísticos e evidenciou outras formas de apresentar as memórias autobiográficas sem a necessidade de ter apenas como correto o rigor científico ou estruturas fechadas das ciências exatas, por exemplo.

**Figura 6 – Elthon Ribeiro, A memória do trem, fotografia, 2017.**



Fonte: Acervo pessoal de Elthon Ribeiro, 2017.

## REFERÊNCIAS

AMAZON PRIME VÍDEO. **Bem-vindo**. 13 mai. 2021. Disponível em: <[https://www.primevideo.com/?\\_encoding=UTF8&language=pt\\_BR](https://www.primevideo.com/?_encoding=UTF8&language=pt_BR)> . Acesso em 13 mai. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

LE BRETON, David. **El sabor del mundo: Una antropología de los sentidos**. Nueva Visión: Buenos Aires, 2007.

YOUTUBE. **Titanic**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q7oXpqowF3s>>. Acesso em 01 jun. 2021.

## **DAS PEQUENAS COISAS, UM LAMPEJO**

Emmanuelly Ribeiro de Abreu

O ensaio visual Das pequenas coisas um lampejo resulta das reflexões compartilhadas durante a disciplina "Memórias e Narrativas", cuja proposta de atividade foi ativar os sentidos, fazer deles disparadores da memória e materializá-la imagetivamente. Um desafio um tanto complexo em um mundo mediado por imagens, onde milhares delas circulam nas redes, nas quais o pensamento segue o fluxo do feed. Um fluxo contínuo que define o nosso modo de ver as coisas. Foi necessário parar/sentir/pensar. Engajar o corpo na experiência e dedicar atenção aos detalhes (DIDI-HUBERMAN, 2017).

O que em princípio parecia labirinto, na verdade era uma encruzilhada. Na encruzilhada há escolhas, escolher é excluir, excluir é parte do processo de editar e "a memória é uma ilha de edição", já dizia o poeta Waly Salomão. É também "um museu de acontecimentos singulares" (CANDAUI, 2014, p.98). E são esses acontecimentos singulares motivos das cinco fotografias que compõem este ensaio, cujos objetos em primeiro plano da imagem apresentam-se como síntese imagética das memórias que os habitam.

O processo para construção das imagens começou pela escolha da fotografia como técnica, e essa escolha se deu por afinidade, por trabalhar com ela; a definição da lente, em todas as fotografias foi utilizada uma 50mm com abertura de diafragma 1.4 para ter um desfoque que valorizasse o assunto; a luz natural difusa para ter suavidade, baixo contraste e sombras pouco marcadas; e o tratamento em preto e branco por entender que o uso das cores estabelecería uma espécie de hierarquia entre as imagens, o que não era a intenção.

Sontag afirma que as “fotos transformam o passado no objeto de um olhar afetuoso” (2004, p.86), afeto no sentido de tocar, aquilo que provoca sensações, sentimentos vários. Para onde vai o nosso pensamento diante das fotografias que nos mostram quem um dia fomos? Quais histórias estão enquadradas nelas? O que se escolheu dizer? O que não foi dito? Quem estava ou não estava lá? A fotografia nos lembra a efemeridade da vida, “por meio das fotos, acompanhamos da maneira mais íntima e perturbadora o modo como as pessoas envelhecem” (2004, p.85). Aqui, a fotografia é suporte da memória, alicerce para construções das narrativas.

Ensaíar sobre minhas memórias é fazer uma viagem em retrospecto. É lembrar da bicicleta sem os pedais, que fizeram dela um brinquedo bem mais interessante; das idas à praia, o encontro com o mar sempre como se fosse a primeira vez;

**Figura 1 – Emmanuely Ribeiro, Sem título, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Emmanuely Ribeiro, 2021

Das músicas dos anos 90, do tetra; dos cheiros que habitavam a casa da vó;

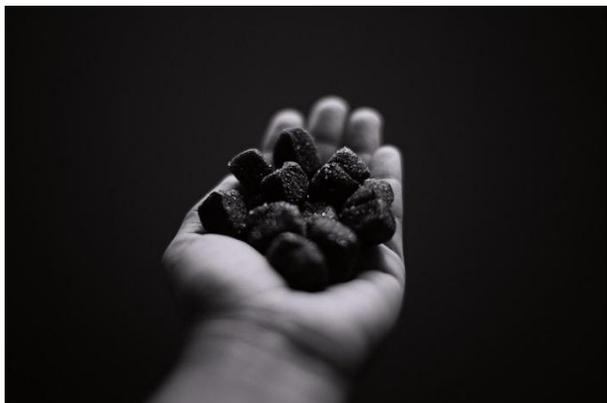
**Figura 2 – Emmanuely Ribeiro, Sem título, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Emmanuely Ribeiro, 2021

Da sombra da mangueira; do quintal compartilhado com a família; da vizinha gentil, das brincadeiras que marcaram a pele.

**Figura 3 – Emmanuely Ribeiro, Sem título, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Emmanuely Ribeiro, 2021

Das dores que se transformaram.

**Figura 4 – Emmanuely Ribeiro, Sem título, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Emmanuely Ribeiro, 2021

Muitas lembranças guardadas em caixas de sapato, as quais recorro quando busco lampejos de uma saudade que reverbera. Não à toa escolhi a fotografia como meio de expressão, faço dela também meu ofício, enquadrando memórias alheias. Lembrar da infância e de um passado que permanece, de modo a contrariar o pensamento moderno, cartesiano e linear, que entende o passado como algo que passou, mas que na verdade somos composições de tempos. O passado coexiste com o presente e ajuda a vislumbrar narrativas futuras.

Provocar os sentidos foi um exercício que permitiu envolver meu corpo na experiência. Montar, desmontar e remontar. Imaginar e preencher lacunas.

## REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

LE BRETON, David. **Antropologia do Sentidos**. Petrópolis: Vozes. 2016

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. Companhia das Letras, 2004.

## RECUPERANDO E (RE)CONSTRUINDO MEMÓRIAS

Eva Caroline de Sena Castro

A presente comunicação foi produzida como trabalho final para o componente curricular "Tópicos especiais em Processos Teóricos e Históricos em Artes Visuais: Memória e Narrativa", ofertada pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPB/UFPE. Este ensaio é composto por seis imagens construídas a partir das reflexões sobre memória e narrativa geradas no âmbito da disciplina. Nesse entretanto, muitas das leituras e debates atuaram como disparadores ativando memórias, que eu mesma não tinha ciência de as possuir. Cada imagem produzida versa sobre o contexto teórico do próprio conceito de memória debatido constantemente nas aulas, mas também perpassa por memórias pessoais e íntimas que foram sendo capturadas durante as reflexões, e dessa maneira constroem a narrativa que se conta aqui. Pontuo que esse processo não foi constantemente belo, pois em alguns instantes provocou sentimentos dolorosos em que me peguei navegando no mar da memória em duras tempestades.

Consideramos, portanto, que a memória não é estática e imutável, não há como controlá-la, precisamos reconhecer sua maleabilidade. A esse respeito Pêcheux (2015,

p. 50), define memória como “um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos”. Isso implica dizer que a única certeza de que a memória nos garante é que nela não existem certezas. Desse modo, a colagem intitulada “Tormentas no mar da memória” nasceu da primeira inquietação causada a partir do olhar para dentro. Procurando e vasculhando memórias me encontrei em uma chuva de sensações e uma tempestade de memórias. O resultado dessa tempestade é a conclusão de que a memória não tem lugar, ela não se instala em território firme, ela só navega e leva os seus navegantes, a sua fluidez se parece com as ondas do mar.

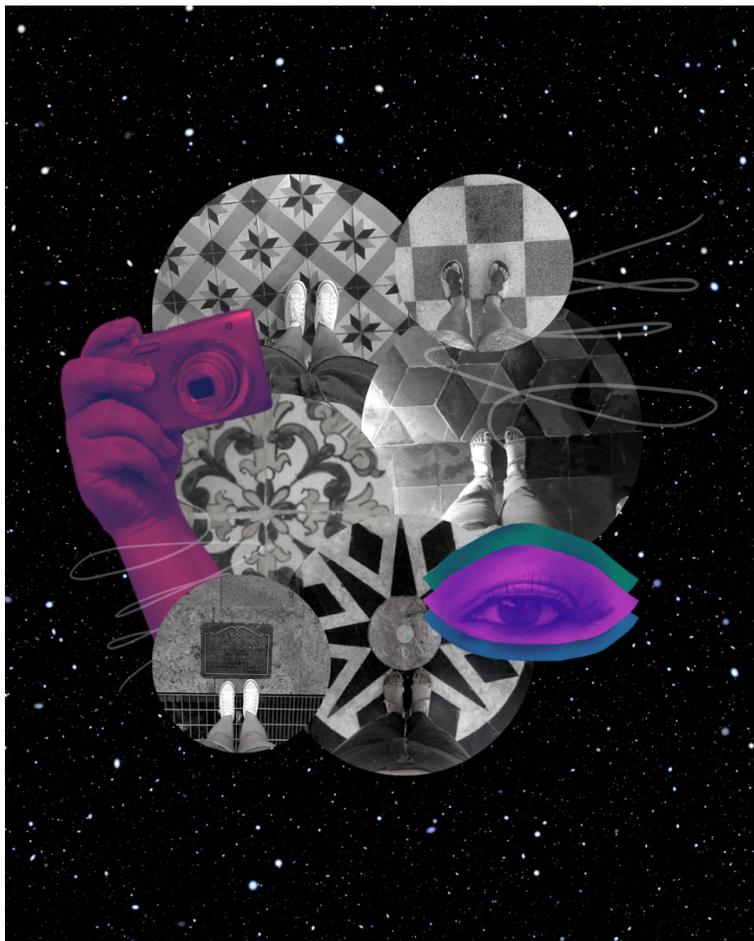
**Figura 1 – Eva Castro, Tormentas no mar da memória, colagem, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Eva Castro, 2021.

Nesse mesmo contexto de busca por memórias e suas definições, nasce a colagem “Meu chão é o mundo” que nada mais é, do que o compilado de diversas memórias eternizadas através da fotografia amadora que foram realizadas em lugares por onde passei. Os lugares que visitamos, que vivemos, que percorremos e caminhamos fazem parte do processo de construção de memórias. Quando os revisitamos, mesmo que por meio de fotografias, temos a sensação de relembrar acontecimentos, e o que vivemos ali. Além disso, a obra traz essa perspectiva visual, de quem olha pra baixo, de quem olha para o chão, de quem enxerga o lugar onde pisa, onde as memórias percorrem caminhos.

**Figura 2 – Eva Castro, Meu chão é o mundo, colagem, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Eva Castro, 2021.

Halbwachs (1990) afirma que a memória individual é uma perspectiva da memória coletiva, devido aos referenciais sociais de que ela é constituída. Dessa maneira, o bordado em algodão cru que tem por título "Mil desvios sem perder o fio" é um mergulho em um passado recente e pessoal, mas também ancestral e coletivo, de mulheres que, ao longo da história, ensinaram suas filhas e netas a arte de entrelaçar as linhas, de fazer ponto. Essa tradição chegou a mim como um legado da história da mulher a quem meu nome homenageia. Eva, a mãe dos vivos, é a matriarca que bordou a minha memória com sua história de luta e resistência diante dos nós cegos da vida. Para além dessa conexão afetiva, o desenho traçado por linhas é uma reflexão sobre o poder que nos cabe no processo de construção de memórias, e as conexões geradas por um emaranhado de outras memórias, fios, linhas e pontos, presentes em nossa mente e coração.

**Figura 3 – Eva Castro, Mil desvios sem perder o fio, bordado, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Eva Castro, 2021.

Para Nora (1990), a memória seria a magia da lembrança, e é dessa magia de uma lembrança da infância que a obra intitulada "A memória vira sonho" emerge. Uma fotografia de recriação que invade os sentidos emocionais, mas também olfativos. O hábito de colher flores pelo caminho, plantado em mim pela minha mãe em minha infância. Agora, essa memória desidratada se emoldura, como se fosse um quadro pintado pelas mãos da natureza morta, mas que ainda vive e resiste lá nos confins da memória.

**Figura 4 – Eva Castro, A memória vira sonho, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Eva Castro, 2021.

Segundo o filósofo e historiador Didi-Huberman (2012) as imagens tocam o real e o contato com elas gera uma espécie de incêndio. Para ele, a imagem arde pela memória, isto é, os dois conceitos buscam um pelo outro. Nesse sentido de busca nasce a colagem intitulada "Caçador de memórias", ela se desenvolve a partir de alguns questionamentos como "o que encontrar depois da porta do universo das memórias?" ou ainda, "que caminhos ou paisagens nos aguardam do outro lado?". Esse processo de incêndio, faz arder memórias que doem, que pesam, que fazem sofrer. Contudo as imagens também podem fazer curar, afinal, é em meio ao fogo que o ouro é refinado.

**Figura 5 – Eva Castro, Caçador de memórias, colagem 3d, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Eva Castro, 2021.

Para Le Goff (1999) a memória "remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas". Nessa perspectiva, a memória é uma espécie de capacidade de conservar informações, guardá-las, mas também reorganizá-las e significá-las.

Dessa maneira, a obra "Lembrar de não esquecer", como o próprio título já sugere, é uma carta aberta endereçada à minha memória para lembrá-la de não esquecer os símbolos e simbolismos daquilo que foi preservado ao longo do tempo para que se pudesse trazer à memória aquilo que nos traz esperança.

**Figura 6 – Eva Castro, Lembrar de não esquecer, colagem 3d, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Eva Castro, 2021.

## REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Pós: Belo Horizonte, v.2 n. 4, nov. 2012, p. 204 – 219. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454> Acesso: em 12 maio 2021.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice; Editora Revista dos Tribunais, LTDA, 1990.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Editora UNICAMP: Campinas, São Paulo, 1990. 533 p.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Houry. In: **Projeto História**. São Paulo, (10), dez. 1993. p.07-28

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes Editores, 4 ed. 2015, p. 43-51.

## HISTÓRIA E MAR: DOIS FIOS CONDUTORES

Geórgia Maria Ribeiro

Como resultado da disciplina “Tópicos Especiais em Processos Teóricos e Históricos em Artes Visuais” ofertada pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE), em nível de mestrado, foram produzidas imagens resultantes de memórias relacionadas à minha formação pessoal e profissional através dos cinco sentidos: visão, paladar, olfato, audição e tato.

Para tal trabalho utilizei as técnicas de pintura em aquarela e fotografia com edição no Adobe Illustrator. Para cada uma busquei a memória mais marcante relacionada ao sentido trabalhado. Através dessas lembranças vi a História e o mar como dois grandes fios condutores para a minha formação enquanto pessoa e profissional.

Mapas sempre foram intrigantes para mim, principalmente os antigos. Algo sobre outros tempos, passados históricos sempre me atraiu, e puxando pela memória, a paixão por leitura e história do meu pai, sem dúvidas, contribuíram para esse interesse. Portanto, o sentido da visão teve como principal imagem o mapa que sempre esteve em mim.

**Figura 1 – Geórgia Ribeiro, O Mapa em Mim, aquarela sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Geórgia Ribeiro, 2021

Ceguei na minha segunda casa aos quatro anos de idade, o mar era meu vizinho, e aprendi a ouvir o barulho das ondas logo cedo pela manhã, bem como a olhar para a linha do horizonte e me perguntar o que teria além dela. O mar era tão verde, o cheiro da maresia, até hoje, rememora lembranças de um tempo bom em segundos. A luz do Farol do Cabo Branco era um passatempo delicioso, e sempre que via um navio me perguntava de onde ele era e para onde estava indo. Era meu universo, retratado na imagem do mar.

**Figura 2 – Geórgia Ribeiro, O Cheiro Verde, aquarela sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Geórgia Ribeiro, 2021

A identificação do sujeito com a paisagem é explicitada pela relação cognitiva, onde a construção da memória do lugar, é representada pelas atividades cotidianas onde se produz formas de espaço culturalmente construídas. Cada indivíduo apreende o entorno, utilizando diversos registros de atividade cognitiva, construindo uma relação paisagem-memória que se manifesta em recortes territoriais

. Nesse momento o espaço torna-se lugar, é recortado afetivamente (COSTA, 2008, p. 152).

Essa época da minha vida foi tão significativa que me lembro bem das brincadeiras nas ruas do bairro (que ainda eram calmas), as características do apartamento, e cada cômodo é repleto de histórias e momentos “confortáveis” como costume falar com meus irmãos.

O quarto do meu irmão era o lugar de conversar e comer bolo de cenoura com cobertura de chocolate no lanche da tarde. Imagem muito forte em minhas lembranças. A cozinha com seus azulejos acinzentados era o lugar do café da manhã dos sábados, sempre com tapioca quentinha. A varanda era meu lugar favorito de brincadeiras. O corredor era nossa biblioteca, achava fascinante a quantidade de livros nas estantes, muitos com aspectos antigos, o que era ainda mais chamativo para mim.

Esses lugares guardam grande valor afetivo e tem espaço privilegiado na lembrança de qualquer indivíduo que um dia já brincou. A casinha de Barbie, a pista de carrinhos ou o sótão que era usado para brincar são todos lugares de memória. O brincar influencia na formação do que, no futuro, será lembrado como lugares de memória (TEDESCO, 2013, p.1).

**Figura 3 – Geórgia Ribeiro, Comida Reconfortante, aquarela sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Geórgia Ribeiro, 2021

Na escola, no ensino fundamental, História e Geografia eram as matérias favoritas. Não sabia o que queria fazer no futuro, a única coisa que vinha na minha cabeça era conseguir viajar o mundo. Na adolescência programas de televisão sobre arquitetura e reformas me chamaram atenção e ficou claro para mim que Arquitetura e Urbanismo era o curso que almejava. Dentro do curso de graduação me apaixonei por história da arte e da arquitetura. E vi que a área de projeto de edificações não era o que me dava prazer na profissão, mas sim arte e patrimônio histórico-cultural. A partir de então todas as

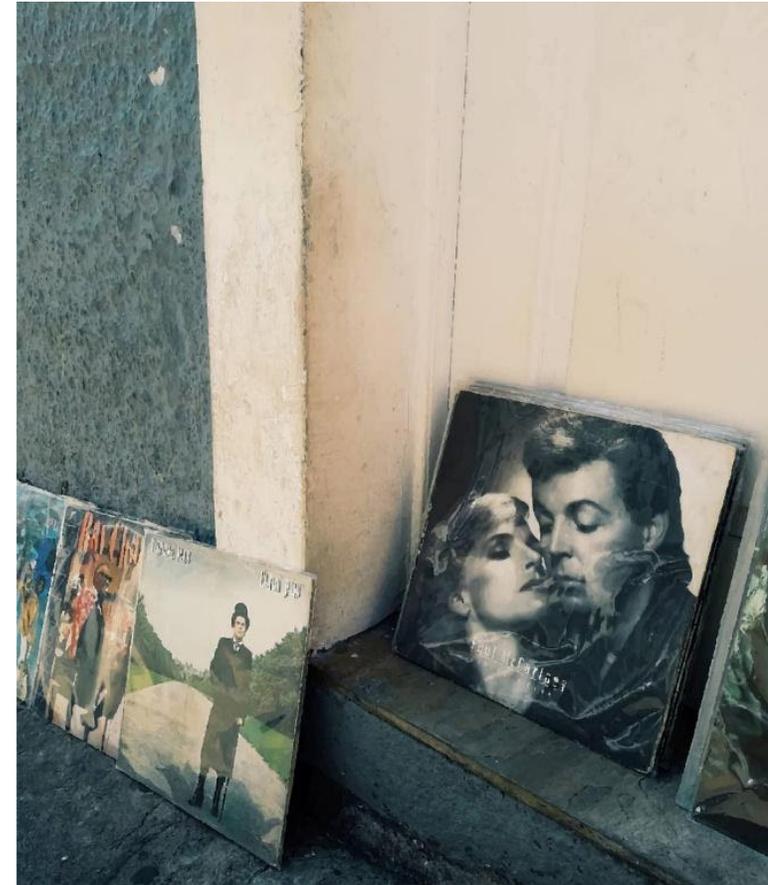
minhas ações no curso foram voltadas para essa temática.

E para que serve a arte? Para começar, podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-se, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo (CANTON, 2009, p.13).

O Ciência sem Fronteiras foi a concretização de um sonho. Estudar fora do país por um ano e meio e conhecer um pouco do mundo foi uma das melhores épocas da minha vida. No intercâmbio direcionei meus estudos para a área de história da arquitetura, o que me proporcionou a incrível experiência de estagiar, na área de patrimônio, nos Estados Unidos. Trabalhar com plantas arquitetônicas históricas, catalogar coleções de fotos, envelopar arquivos importantes, era um universo novo, mas que me encantou, me perguntei muitas vezes como seria incrível trabalhar em um grande museu.

Essa experiência longe de casa me trouxe uma nova maturidade, mas também uma grande saudade da família. A maneira mais rápida e eficiente de matar a saudade de casa era a música. Herdei o mesmo gosto musical e a mesma paixão por música do meu pai. Rock clássico, MPB, em segundos estava na sala de casa ouvindo música. A tranquilidade que me dava, não importava a distância, a música encurtava. Impossível não acionar o disparador da audição sem pensar nas madrugadas de estudo ouvindo música.

**Figura 4 – Geórgia Ribeiro, Encontro com Paul, Linda e Elthon, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Geórgia Ribeiro, 2021

A imagem do mapa continua viva em mim, conheci outro país, novas cidades, culturas, fiz amigos de diversas partes do mundo, e não vejo a hora de poder fazer isso de novo, como turista e como estudante. Minhas ações serão sempre relacionadas à essa vontade de ir para longe, desbravar o mar.

Ao voltar do intercâmbio, no final de 2014, ingressei em projetos de extensão universitária. Através do Projeto Memória João Pessoa – idealizado pela professora Maria Berthilde Moura Filha, e coordenado, também, pelo professor Ivan Cavalcanti, descobri a educação patrimonial. O projeto vinculado ao Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória - LPPM, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), me deu a oportunidade de ministrar oficinas voltadas para arte, patrimônio e memória, nas escolas da cidade de João Pessoa, iniciando a minha jornada como educadora.

As oficinas sempre dinâmicas, e com bastante material visual e lúdico, despertavam a atenção das crianças e jovens para um tema, que para muitos, não é atrativo.

Foi assim que me interessei por novas maneiras de ensinar educação patrimonial, trazendo o tema para o cotidiano dos jovens, para a cidade e lugares que o cercam. Passar e dividir conhecimento e histórias contribuiu para a minha formação profissional, bem como me tornou uma cidadã mais consciente em relação às lacunas do ensino de temas cruciais para a conservação da cultura e do patrimônio em nossa cidade.

Cabe, aqui, pensar que a experiência visual e seus repertórios desencadeiam conexões entre conhecimentos objetivos e informações subjetivas relacionando e dando significado a referências e fazeres culturais que influenciam os modos e práticas do ver. Ela funciona como um rastreamento que mapeia e localiza e situa imagens e fragmentos do cotidiano fazendo acontecer interações entre indivíduos, experiência visual e cultural (BECKER, 2009 apud MARTINS E TOURINHO, p. 7, 2015).

**Figura 5 – Geórgia Ribeiro, Viagem através do material, Linda e Elthon, fotografia, 2018.**



Fonte: Acervo pessoal de Geórgia Ribeiro, 2021

A arte esteve muito presente na minha vida, era, e ainda é a minha forma de externar meus sentimentos, meus planos e ideias. Arquitetura é isso: arte, que também é um documento edificado que contém tantas histórias. De um simples croqui surgem inúmeras possibilidades e se materializam sonhos. De um toque é possível imaginar outras épocas.

Através do curso descobri materiais de desenho e pintura, técnicas, arquitetos, autores, artistas, obras de arte, cidades que estarão sempre na minha memória e que assim como a figura do mapa mundi me guiam em todas as escolhas.

Ao final deste trabalho, não pude deixar de notar o quanto minha segunda casa é palco de grandes memórias afetivas, e como ela estimulou a minha criatividade através da minha infância repleta de brincadeiras e estudos. É o meu lugar de memória afetiva.

## REFERÊNCIAS

CANTON, Katia. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção temas da arte contemporânea). Tempo e memória. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção temas da arte contemporânea).

COSTA, Otávio José Lemos. **Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares**. Espaço e Cultura / UERJ, Rio de Janeiro, Edição Comemorativa, p. 149-156, 1993-2008.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (201). **Ensino de Arte, Contemporaneidade e Vida Cotidiana**. In Senna, Nadia da Cruz; Silva, Ursula Rosa da (Orgs.). Visibilidade e cotidiano no ensino de arte. P. 2-7 p. Col. Desenredos, vol.11. Goiânia: Gráfica da Universidade Federal de Goiás

TEDESCO, M. ; GASTAL, S. . **A Memória, o Brincar e o Turismo na formação da Identidade**. In: IV Encontro Semintur Jr, 2013, Caxias do Sul. Anais... IV Encontro Semintur Jr. Caxias do Sul: Educus, 2013. v. 1. p. 1-12.

## RETALHOS DE SENTIDOS

Ingrid Borba de Souza Pinto Domingos

Que imagens partem de mim para o outro e do outro para mim? Quais são as relações entre meu processo de criação e minhas memórias? Quais sentidos posso desvelar e construir ao partilhar lembranças? O que desperto ao narrar minhas práticas artístico-pedagógicas? Tais questionamentos guiaram o desenvolvimento poético e narrativo das cinco imagens apresentadas anteriormente onde, intencionei construir sentidos sobre a docência artista a partir de memórias autobiográficas.

Esse processo, que ocorreu de forma concomitante aos estudos da disciplina Memória e Narrativa em Artes Visuais, correspondeu também ao procedimento teórico metodológico de fabricação de dados para a investigação de mestrado.

Ancorada nas abordagens autobiográfica e a/r/tográfica tive por objetivo entrecruzar a prática da entrevista biográfico narrativa com um processo de criação têxtil. As combinações desses dois métodos serviram de dispositivos de estudo sobre os sentidos da docência artista com professores em formação inicial.

A motivação para essa produção imagética surge

de reflexões sobre as minhas memórias como professora de artes visuais. Rememorando acontecimentos e situações percebo várias dimensões da minha formação que extrapolam os limites do corpo físico e constroem possibilidades de compreensão das experiências de vida e atuação docente. Percebo também como estes se imbricam aos meus processos de criação. Assim, a narrativa visual apresentada partilha, desvela e produz sentidos a partir da memória.

Segundo Jean Davallon (2015) nossas memórias possuem um caráter efêmero e intersubjetivo necessitando de registros que atuem como fontes e objetos culturais da história. Nessa relação, as imagens se estabelecem como objetos da memória que produzem significados para quem é transmitido. Deste modo, funciona como um dispositivo para que os sujeitos recuperem, reorganizem e rememorem elementos de suas narrativas.

A partir desse marco teórico pensei quais imagens poderia partilhar com outro a partir das minhas memórias narradas em imagens poéticas?

Todas as imagens foram bordadas em tecido de algodão com linhas coloridas de Mouline. Esses cinco retalhos de sentidos tem o tamanho de 21 cm de altura por 14 cm de largura.

Todos esses retalhos foram compartilhados com um grupo de cinco estudantes do curso de Licenciatura de Artes Visuais da UFPE, para que as mesmas também pudessem interferir na poética com agulhas, linhas, recortes e imagens.

Figura 1 – Ingrid Borba, Temos um (des)acordo, bordado, 21x14cm, 2021.



Fonte: Acervo pessoal de Ingrid Borba, 2021

Figura 2 – Ingrid Borba, Será que não é muito verde?, bordado, 21x14cm, 2021.



Fonte: Acervo pessoal de Ingrid Borba, 2021

**Figura 3 – Ingrid Borba, O que é bonito?,  
bordado, 21x14cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Ingrid Borba, 2021

**Figura 4 – Ingrid Borba, Podemos dividir o político?,  
bordado, 21x14cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Ingrid Borba, 2021

**Figura 5 – Ingrid Borba, Quando quanto é arte?,  
bordado, 21x14cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Ingrid Borba, 2021

## REFERÊNCIAS

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte da memória? In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. **O Papel da Memória**. Tradução: José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes Editora, 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins. Fotobiografia e entrevista narrativa: modos de narrar a cultura escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2017.

## REVELANDO MEMÓRIAS

Jayse Ferreira

Joël Candau em seu livro *Identidade e Memória* escreveu sobre as diversas formas com que a memória se apresenta, compartilhadas, coletivas, memórias familiares, entre outras, tenta-nos explicar a inter-relação entre a memória e nossa identidade, uma vez que a memória exerce um forte papel na construção identitária. Essa construção não é feita apenas por arquivamentos mas também por esquecimentos que impactam nossas atitudes, ritos e posicionamentos sociais.

Nesse ensaio artístico/descritivo, ousei me apropriar de alguns conceitos da obra de Candau para tentar organizar poeticamente um paiol de sensações acumuladas em uma vida e materializá-las visualmente através dos nossos cinco sentidos: paladar, olfato, tato, audição e visão. Assim, como acontece numa máquina de polaroid que capta uma imagem e lentamente a eterniza no papel fotossensível, de igual modo tento eu nesse trabalho que hora denomino de *Revelando Memórias*.

Para Candau algumas memórias podem ser acessadas no momento em que desejarmos, ele denominou-a de *Memória de Evocação*. Ela possui extensões, como os saberes enciclopédicos, as crenças, as sensações e os sentimentos, e é exatamente na memória

de evocação que procuro relatar fatos marcantes e significativos de minha jornada enquanto indivíduo que constrói sua própria história, para ir atrás do que Candau chama de busca identitária.

**Figura 1 – Jayse Ferreira, Sumo, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Jayse Ferreira, 2021.

Família reunida no fundo do terreiro. Meu irmão mais velho comanda o ritual de apanhar gravetos para fazer o fogo, enquanto eu fico encarregado de colocar as castanhas de caju na lata de tinta furada. Meu pai fica

com a tarefa mais arriscada, mexer as castanhas em chamas com uma longa vara para tentar não se queimar com o sumo flamejante que espirra das sementes. Nesse momento o cheiro se espalha por todo o quintal e já sinto o gosto dessa iguaria em minha boca... sentadas no chão, estão minha mãe e minha avó, cada uma com um instrumento improvisado para romper as duras cascas recém saídas do fogo. Assim que nos juntamos ao grupo de quebra, a ordem logo é dada: todo mundo quebrando e assobiando, esse é um método muito eficaz para evitar que todos comessem as castanhas de uma só vez.

**Figura 2 – Jayse Ferreira, Casório, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Jayse Ferreira, 2021.

A igreja estava repleta de flores das mais diversas que eu já vi. Enquanto eu caminhava em direção ao altar, era impossível não me inebriar com os perfumes advindo das tulipas, rosas e tantas outras que não sei o nome, porém a mais perfumada eram as rosas, em especial aquela que minha esposa trazia em seu buquê. Na saída uma chuva de arroz com pétalas de rosas. Mesmo sabendo que "as flores de plástico não morrem", me perdoem os Titãs, mas ainda prefiro a efemeridade e o perfume das reais bem como a vida é!

Para (CANDAU, 2011), uma das subdivisões da memória seria a Protomemória ou Memória social incorporada, que se expressa, por exemplo, nos gestos, nas práticas e na linguagem, cujo exercício é realizado quase automaticamente, sem um julgamento prévio ("quase sem tomada de consciência", p. 23). Esse gesto automatizado me fez trazer à tona o relato de minha mãe de como ela seguia os mesmos "mecanismos de sobrevivência maternos" repassados a ela por minha avó sem nenhum questionamento de sua real funcionalidade mas sim por tradicionalismos.

**Figura 3 – Jayse Ferreira, Aflição, fotografia, 2021**



Fonte: Acervo pessoal de Jayse Ferreira, 2021.

A memória que aqui trago é sobre a minha primeira infância, especificamente da fase de bebê e que logicamente não ficou nenhum registro na minha memória consciente. Os relatos narrados por ela contam com detalhes não só os momentos prazerosos da maternidade como também as dores de literalmente ter os dedos furados pelo alfinete na hora de colocar minha fralda de tecido. Essa "Aflição" de acordar na madrugada sonolenta e não espetar seu recém-nascido nas muitas trocas de fraldas ou quando ao acaso o broche se desprendia acidentalmente pelas minhas mãos curiosas por tatear o mundo

só me fazem pensar nesse tal de superpoder que a maternidade concede a essas mulheres.

Outra concepção elaborada por Candau diz respeito à construção identitária. Ou como ele mesmo nomeia Metamemória. Constitui-se naquela forma de memória reivindicada a partir de uma filiação ostensiva. É a representação que fazemos das próprias lembranças, o conhecimento que temos delas. Essa "reinvindicação" ficou gravada em meus arquivos auditivos igual a coleção de discos de vinil que meu pai costumava guardar a sete chaves na antiga cristaleira da sala da TV para evitar que meu irmão e eu arranhássemos suas preciosidades. Porém não são as músicas dos velhos vivis do meu pai que ainda soam na minha cabeça, mas sim uma sequência de inconfundíveis acordes agudos: Pi-ru-ru-iiiiii, pi-ru-ri-uuuu...

**Figura 4 – Jayse Ferreira, Doce Japonês, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Jayse Ferreira, 2021.

Se a minha infância tivesse uma trilha sonora com certeza a minha seria essa! Esse som anunciava que o homem do doce japonês estava passando na sua rua, era a hora de atrapalhar a novela da tarde da minha mãe pra ela me dar dinheiro:

\_ Mãe, mãe vai logo mãe que o barulho está mais alto, ele já tá passando!

\_ Calma menino!

Minutos depois lá estava eu com o doce na mão e sentado na calçada comendo e ouvindo cada vez mais longe aquela onomatopeia dobrando a esquina e desaparecendo suavemente no ar, Pi-ru-ru-ííííí, pi-ru-riuuuu...

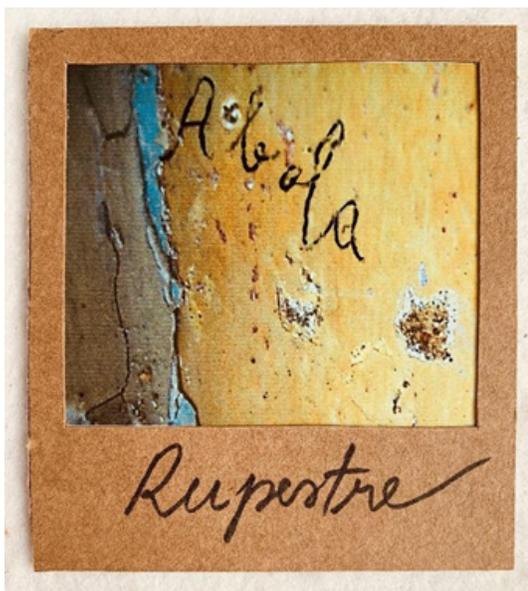
O que devemos escolher para ficar armazenado em nossas memórias? Toda escolha implica numa desistência de uma outra coisa. Segundo Candau esse "medo mórbido de escolher" não deve ser evitado, é preciso descartar o passado. Em suas reflexões ele trata o papel dos esquecimentos na construção da memória de diferentes modos. Um em especial me chamou a atenção, os esquecimentos contemporâneos, provocados pela "iconorreia" (ou "desmemória"), que provocariam "uma desconexão social" e conseqüente perda identitária (p. 131).

Essa insistência em continuar vivo tenha sido uma das causas de registrarmos nossas ideias e vivências nos mais inusitados lugares.

Em Brasília, recentemente, foi descoberta inscrições numa laje da Câmara dos Deputados. Esses escritos foram feitos pelos candangos, operários advindos de várias regiões do Brasil na década de 50 para a construção da nova capital brasileira. Assim como nossos ancestrais fizeram nas paredes das cavernas, também fiz questão de registrar na parede da sala a minha marca, a iniciação ao mundo letrado. Eu estava descobrindo as palavras e as paredes eram bem mais interessantes que as folhas do caderno, pelo menos era o que eu pensava aos sete anos de idade. Esta "pintura rupestre" descober-

ta recentemente por minha mãe em sua casa, me fez refletir sobre a necessidade de deixarmos nossa marca no mundo, bem como fizeram os candangos construtores de Brasília. É uma forma de dizer: -Vejam, eu estou/estive aqui!

**Figura 5 – Jayse Ferreira, Rupestre, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Jayse Ferreira, 2021.

“A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada” (Candau, 2011, p.16), é esse eterno jogo de trocas com constroem nossas narrativas. Isoladamente ou em sociedade ela sempre nos acompanhará nessa incrível “sequência de frames” a quem eu cha-

mo de vida e que indubitavelmente, queiramos nós ou não, como diz Toquinho em sua célebre canção, descolorirá.

## REFERÊNCIAS

MATHEUS, Letícia. Memória e identidade segundo Candau. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, 2011.

# ARTE GENERATIVA E MEMÓRIAS: FRAGMENTOS DO EU NAS IMAGENS GENERATIVAS

Jefferson Valentim

Este ensaio visual possui como temática central os relatos de minhas memórias. As memórias que foram orquestradas ao longo de minha infância e hoje são partes fragmentadas do meu ser. Dessa forma, o texto traz à tona uma materialização de meu sentir em um determinado fragmento do tempo e do espaço que constituem as minhas memórias.

As minhas memórias, que são memórias orgânicas e não sintéticas, são uma instância abstrata de experiência vividas por mim em sociedade e em solidão. Elas conforme Davallon (2015) são um elemento abstrato e para sua externalização necessitam de um disparador para serem concretizadas/materializadas. Nesse contexto, o disparador que a externaliza ao estado visível do outro no mundo é um recurso que a torna objeto.

O recurso que torna a memória um objeto visível no mundo é um recurso de validação. É um instrumento que possibilita a memória em seu caráter de rememoração do passado e de retentora do tempo que se foi (CHAUÍ, 2000) ser validada pelo outro. Para o que não a viveu, bem como,

para que o outro possa construir a partir dela novas memórias. Nesse contexto, esse recurso pode ser analógico, digital ou um híbrido entre as duas instâncias de externalização da memória.

Em meu trabalho foi escolhido o digital. Isso ocorreu em virtude da pandemia do SARS-CoV-19 que me ceifa o ir e vir para o produzir artístico em decorrência de seus mais de 500 mil mortos no Brasil. Nesse contexto, em um ato de simbolismo aos que morreram indo às ruas para que o Brasil funcionasse com seus serviços essenciais e tantos outros, mantenho-me em casa e adoto o digital para ser a extensão do meu ser. Nessa perspectiva, adotei a inteligência artificial como ferramenta para exteriorização de minhas memórias.

A inteligência artificial (IA) pode ser compreendida como uma área da computação que empenhasse na construção de arquiteturas digitais com funções cognitivas (MCCARTHY, 1998) por meio dos neurônios artificiais que fazem parte de uma rede neural. Uma rede que é construída com base nas estruturas funcionais e arquitetônicas de sistemas nervosos de seres humanos de forma matemática (RUMELHART & MCCLELLAND, 1986). Nessa perspectiva, as redes neurais que possuem estruturas funcionais e arquitetônicas de sistemas nervosos igual a de seres humanos, são capazes de replicar atividades que envolvem a cognição humana. Assim, elas podem aprender. Reter uma informação em sua memória sintética e criar a partir dessa memória sintética. Nessa perspectiva a inteligência artificial pode funcionar como uma ferramenta para o homem.

Uma ferramenta que pode ser utilizada como extensão ou suporte. Desse modo, em meu trabalho, ela foi utilizada como extensão. Uma extensão para gerar a partir de minhas memórias com elementos díspares feitos a partir dos meus sentidos, uma materialização das memórias e seus elementos de forma artística.

Nesse contexto, foi selecionado um conjunto de dados imagéticos para compor o banco de dados que foi utilizado na aprendizagem da memória sintética da IA. Esses dados imagéticos, eram imagens que continham elementos de minhas memórias, fotos de pessoas, cores, tintas, rabiscos e tantos outros elementos que foram selecionados para gerar as imagens. Feito é iniciado o procedimento para gerar as imagens de forma autônoma. Esse procedimento dá à produção um caráter de obra de arte generativa.

A arte generativa, pode ser compreendida como

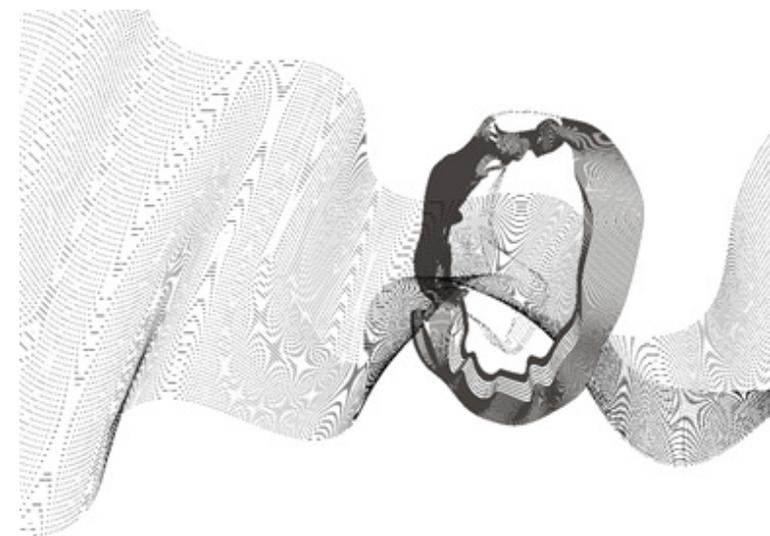
qualquer prática artística na qual o artista cria um processo, como um conjunto de regras ou linguagem, um programa de computador, uma máquina, ou outro mecanismo, que então é colocado em movimento com algum grau de autonomia contribuindo ou resultando em um trabalho de arte completo. (GALANTER, 2003, p.4).

Com base na visão de Galanter e no avanço técnico computacional que ocorreu de 2003 a 2021 dos processadores, armazenamento de dados, bem como, de máquinas

e robôs. É possível inferir que contemporaneamente a arte generativa pode ser qualquer manifestação artística construída de forma física, digital ou híbrida por meio de um sistema autônomo ou parcialmente autônomo que o artista tenha construído ou utilizado para produção da obra.

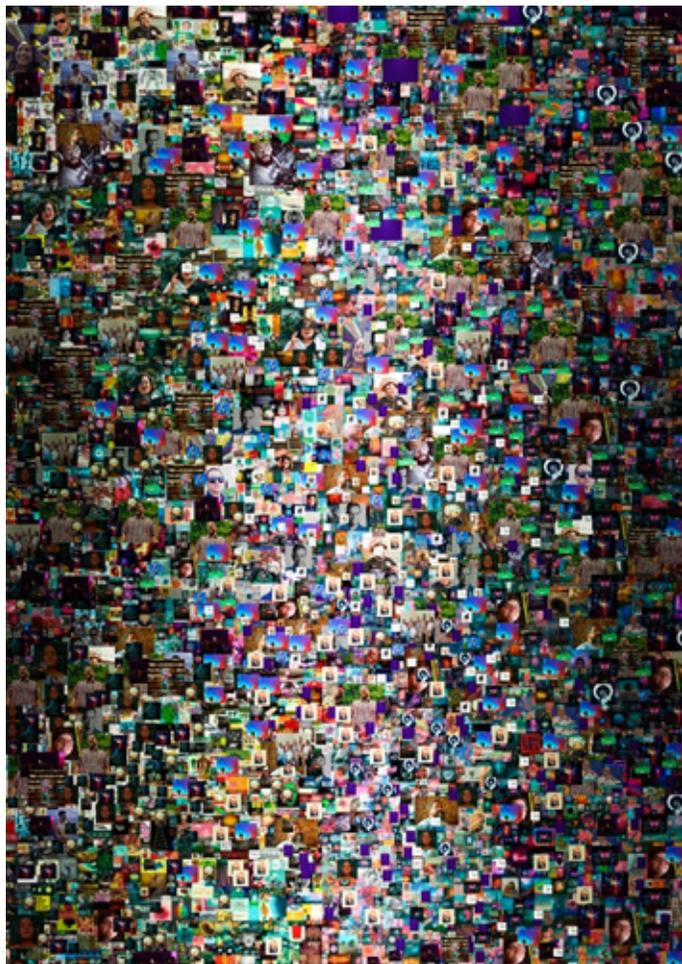
Nessa perspectiva, as imagens construídas estão postas ao longo do texto para que o leitor possa as interpretar com sua leitura. Desse modo, não é descrito como ler as obras e sim é feito um convite para que o leitor possa as interpretar. Seja bem vindo(a) a fragmentos de mim.

**Figura 1 – Jefferson Valentim, O Som (Audição), arte Generativa, 14x21cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Jefferson Valentim, 2021.

**Figura 2 – Jefferson Valentim, Sem Título (Visão), arte Generativa, 14x21cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Jefferson Valentim, 2021.

**Figura 3 – Jefferson Valentim, Fluxo (Tato), arte Generativa, 14x21cm, 2021.**



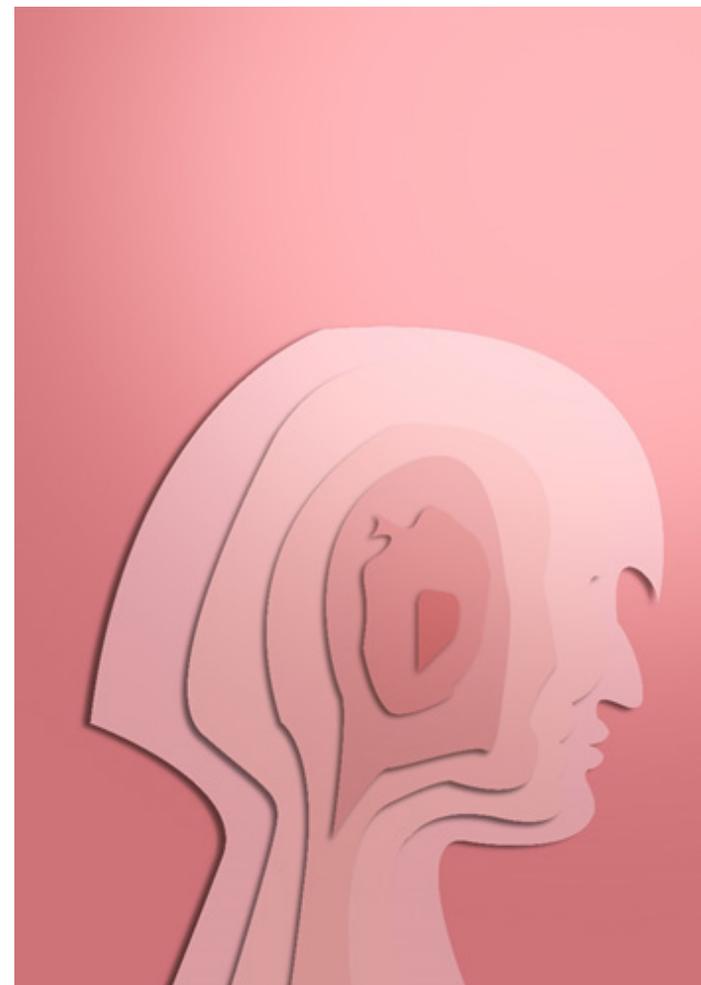
Fonte: Acervo pessoal de Jefferson Valentim, 2021.

**Figura 4 – Jefferson Valentim, Era uma vez café (Paladar), arte Generativa, 14x21cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Jefferson Valentim, 2021.

**Figura 5 – Jefferson Valentim, Ainda estou pensando (Olfato), arte Generativa, 14x21cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Jefferson Valentim, 2021.

## REFERÊNCIAS

CHAIUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte da memória? In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. **O Papel da Memória**. Tradução: José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes Editora, 2015.

GALANTER, P. What is Generative Art? Complexity theory as a context for art theory. In: International Conference on Generative Art, 2003, Italy. **Proceedings of the International Conference on Generative Art**, Italy, 2003.

MCCARTHY, J. **What is artificial intelligence?**. 1998. Disponível em : <http://www.fredbf.com/disciplinas/unibratec/dsi/whatisai.pdf>. Acesso em : 27 abr 2021

RUMELHART, D.; MCCLELLAND, J; **Parallel Distributed Processing: Explorations in the Microstructure of Cognition**. MIT Press, 1986.

## A VISÃO MÓVEL DE UMA PEDRA ESTÁTICA

Leandro Alves Garcia

O presente ensaio visual foi produzido durante o cumprimento como aluno especial do componente curricular Tópicos Especiais em Processos Teóricos e Históricos em Artes Visuais, no Programa de Pós-Graduação Associado da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal do Pernambuco (UFPB/UFPE).

A disciplina foi cursada em modalidade remota devido à pandemia mundial de covid-19. A disciplina foi marcada pelo seu foco nas memórias e narrativas em Artes Visuais. Neste ensejo, estudamos autores que abordam a memória individual, coletiva e como reflete em nossas identidades (ver CANTON, 2009; CANDAU, 2012; HALBWACHS, 2003/2009).

Ademais, tínhamos aulas assíncronas para produção de visualidades. A cada semana nos era sugerido explorar um sentido. Para tal, cada discente irá desenvolver estas atividades a partir de seu posicionamento no mundo, o que irá gerar um conjunto de obras totalmente diferentes. De acordo com Le Breton (2016, p. 39) o “ser humano vive de sensorialidades diferentes segundo seu lugar de existência, sua educação, sua história de vida”.

A visão móvel de uma pedra estática foi produzida em uma dessas semanas de aulas assíncronas. Inicialmente escolhi das ondas no mar como elemento poético para produção de uma obra sobre a audição. Até me dar conta durante o trajeto até a praia, que fica a aproximadamente 5 km. da minha casa, que outros sentidos também se faziam presentes nesta jornada.

Fui a pé, um pouco mais de 30 minutos, retomando as minhas memórias, lembrei que a primeira vez que vi o mar, eu tinha por volta de 5 anos, morava no interior de São Paulo em uma pequenina cidade chamada Poá (com acento como os locais gostam de enfatizar). Nessa época parecia que demoravam horas até chegar à praia mais próxima: Bertiooga (por volta de 67 km ou 1h. 26min. conforme o goglemaps).

Em minhas expectativas infantis outro sentido foi lembrado, o paladar. Eu tinha a curiosidade de sentir o gosto da água do mar: salgada.

Ao chegar na praia, tirei minhas sandálias havaianas e ao colocar os pés no chão, percebi que estava tateando com os pés a areia fina e morna o período da tarde. O tato foi um sentido presente nesta etapa, andando até o mar senti a areia úmida e a água salgada.

Em determinado momento encostei em uma enorme pedra para apreciar a paisagem. E comecei a me questionar: - Há quanto tempo será que essa pedra tão grande se encontra aqui? – Será uma benção ou uma maldição ficar parada naquele mesmo lugar? A pedra tão dura, tão fria, sem sentidos.

Assim, atribui sentidos poéticos para aquela pedra, que tanto me inspirou em uma tarde de outono.

**Figuras 1-8 – Leandro Alves Garcia, A visão móvel de uma pedra estática, fotografia / poema visual / colagem digital, 2021.**

## A pedra

Imóvel, estática, solitária...

Conheci aquela enorme pedra quando fui contemplar o mar

### Há quanto tempo estaria ali?

Seria apenas um aglomerado de minerais?

Qual a diferença entre rocha e pedra?

Sinônimos



# O mar



É possível acompanhar com a respiração seu movimento ininterrupto  
Seu azul nos acalma e faz pensar na vida  
Imenso, móvel, salino, espumoso, meditativo...  
Inspiração de artistas em todos os tempos  
Fernando Pessoa dizia que "o mar é a religião da natureza"

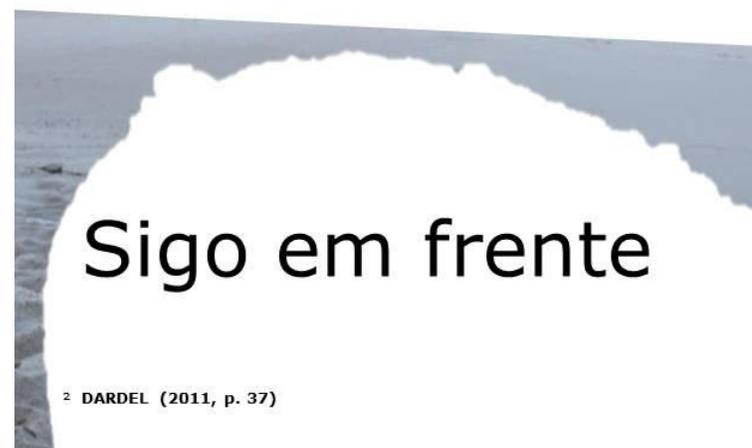
## Ondas que vem e vão...

"a água não é somente o espelho com o qual a Terra se estende ao céu"<sup>1</sup>

## ... Molham a areia

### Úmida

Registra o percurso dos meus passos,



<sup>2</sup> DARDEL (2011, p. 37)

Passo a passo  
Eu me distancio  
O tempo me acompanha  
Tic tac, tic tac, tic tac, tic tac, tic tac, tic tac...  
Como dizia Cazuza em sua canção:



## O Céu

Imagino desenhos em nuvens  
Enquanto sinto a brisa da tarde...  
O que você tem feito com o seu tempo?

Um dia tem 24 horas;

1440 minutos;

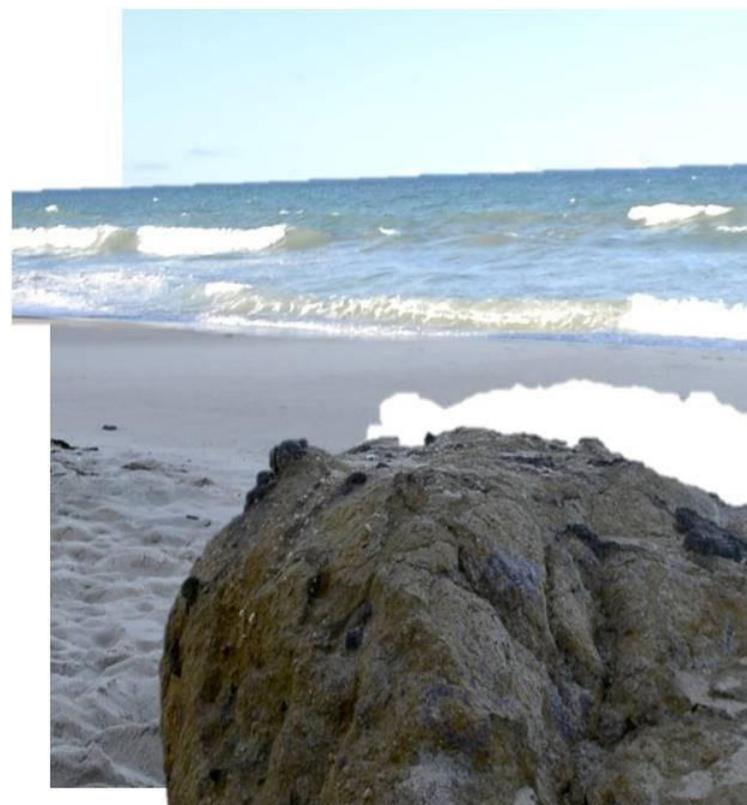
86400 segundos;

Tic tac, tic tac, tic tac, tic tac, tic tac...



O que você sentiu?

Quantas memórias você vivenciou hoje?





Fonte: Acervo pessoal de Leandro Alves Garcia, 2021.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO; CAZUZA. **O tempo não para**. LP, O tempo não para, Polygram, 1988.

CANAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto. 2012

CANTON, Kátia. **Tempo e Memória**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2009

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**. São Paulo : Perspectiva, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro. 2003

LE BRETON, D. **Antropologia dos Sentidos**. Tradução Francisco. Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SILVA, Paulo Neves da (org). **Citações e pensamentos de Fernando Pessoa**. São Paulo: Leya, 2011.

## PERCURSO

Leandro Ismael

Este ensaio visual é fruto do componente curricular “Tópicos Especiais em Processos Teóricos e Históricos em Artes Visuais”, ministrado pelos professores Robson Xavier da Costa e Maria Betânia e Silva e oferecido em regime remoto ao Programa de Pós-Graduação em Computação, Comunicação e Artes (PPGCCA-UFPB) pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV-UFPE).

Durante o semestre letivo 2021.1, discutimos sobre a construção das memórias humanas e sua função como disparador criativo. Neste sentido, fomos desafiados a produzir imagens que guardam consigo as tristezas, as alegrias e as dores que nos fazem quem somos hoje.

Neste capítulo, apresentarei cinco fotografias ligadas a períodos específicos de minha vida (infância, início e fim da adolescência, primeiros anos da vida adulta e idade atual) e aos cinco sentidos primordiais (visão, tato, paladar, olfato e audição). Juntas, estas capturas narram os altos e baixos de minha relação com meu corpo e com a arte ao longo destas quase três décadas.

**Figura 1 – Leandro Ismael, (Extra)Ordinário, maquiagem artística / fotografia, 2021.**

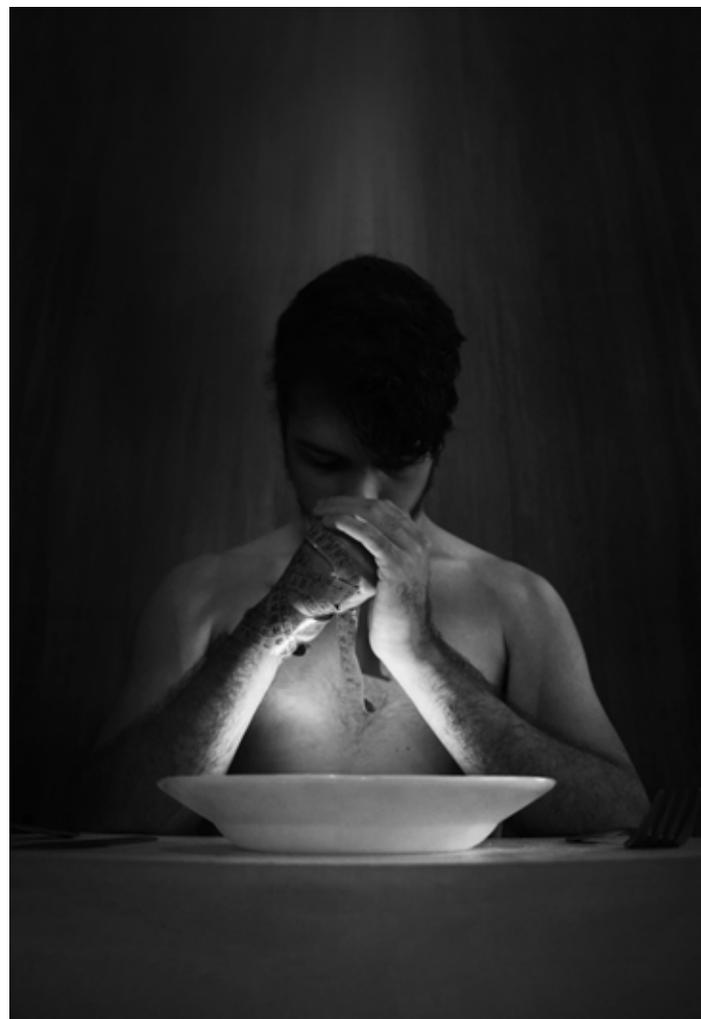


Fonte: Acervo pessoal de Leandro Ismael, 2021.

O primeiro registro (figura 1), denominado **(Extra)Ordinário**, faz referência ao sentido da visão e ao período da infância. Quando criança, passei boa parte do tempo na casa de meus avós, e lá, em meio às árvores e à terra do quintal, aprendi a enxergar a fantasia naquilo que estava à minha volta.

Agora, depois de adulto, tento reviver este processo. Por meio da maquiagem artística, dos resíduos (folhas secas, galhos e retalhos de tecido) e da fotografia, construo uma ode à criança que habita em mim.

**Figura 2 – Leandro Ismael, Mea Culpa, fotografia, 2021.**

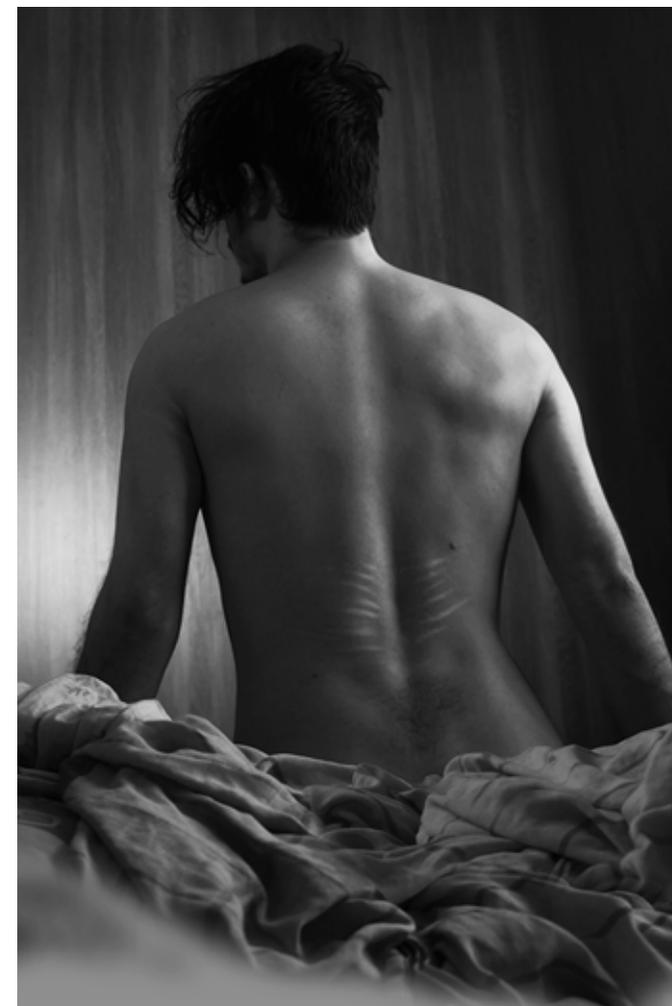


Fonte: Acervo pessoal de Leandro Ismael, 2021.

Na imagem seguinte (figura 2), intitulada **Mea Culpa**, relaciono o período da adolescência com o sentido do paladar. Para isso, resgato a memória de um transtorno alimentar para representar minha relação com meu corpo.

Neste misto de sentimentos,  
de prazer e de culpa,  
de fome e fastio,  
de amor e ódio  
passei a violar dois objetos sagrados:  
o corpo e o alimento.

**Figura 3 – Leandro Ismael, Estigma, 2021, Fotografia.**



Fonte: Acervo pessoal de Leandro Ismael, 2021.

Na fotografia intitulada **Estigma** (figura 3), faço referência ao sentido do tato - e utilizo-me da pele como alegoria para as transformações da vida adulta. Quando crescemos, sobretudo rapidamente, é comum que se formem estas cicatrizes. E para mim, que por muito tempo as encobri, elas nunca significaram muito além de motivo para vergonha.

Hoje, por outro lado,  
vejo-as como registros de meu crescimento:  
Como provas de minha própria resiliência;  
Nessa jornada por ressignificação,  
busco transformar meus estigmas.  
Da chaga da vergonha  
à insígnia do orgulho.

**Figura 4 – Leandro Ismael, O que me move, 2021, Fotografia.**



Fonte: Acervo pessoal de Leandro Ismael, 2021.

Em **O que me move** (figura 4), recorro à audição para tratar do que me aproxima cada vez mais da arte: a música e a dança. Como continuidade ao processo descrito anteriormente, vi na vida adulta a oportunidade de experimentar. De voltar a criar. De renascer.

É tempo de reviver sonhos antigos;  
Adormecidos ou sufocados pelo medo de tentar;  
É tempo de ouvir e sentir;  
De buscar a cura pelo movimento.

**Figura 5 – Leandro Ismael, 482 dias, 2021, Fotografia.**



Fonte: Acervo pessoal de Leandro Ismael, 2021.

Há 482 dias (figura 5), estamos em quarentena; e nesta pandemia, milhões de sonhos já foram interrompidos. Nesta última imagem, busco representar alguns dos sentimentos de quem hoje vive neste contexto.

Para muitos, as memórias daqui  
não serão das melhores;

Para outros,  
vítimas do desamparo  
e do desconhecido,  
serão também as últimas;

A todos nós,  
restam as memórias;

De momentos mais felizes;

De dias mais serenos;

Memórias que alimentam  
os sonhos dos que ficam;

E a esperança de que  
elas deixem, um dia,  
de ser só memória.

## RUBRO LIAME DA MEMÓRIA

Louise Gusmão

Quando eu estava crescendo, todas as mulheres em minha casa usavam agulhas. Sempre tive fascínio pela agulha, o poder mágico da agulha. A agulha é usada para reparar danos. É um pedido de perdão. Nunca é agressiva, não é uma ponta perfurante.

(Louise Bourgeois)

É engraçado como a linha e a agulha sempre estiveram presentes na minha vida. Como elas sempre estão me guiando, me entrelaçando a novos caminhos. A linha e a agulha transpassam a minha vida como um fio condutor, desde às minhas avós, passando por minha mãe e chegando até mim, como veia em fluxo, deve ser por isso que o fio vermelho está sempre presente... o fio da vida, o cordão umbilical, a ligação de quem veio antes e do que virá. Ao mesmo tempo que a agulha perfura o tecido que costuro, ela e a linha, vão, como disse Louise Bourgeois na epígrafe acima, reparando danos, cerzindo as feridas, as transformando em cicatrizes, refazendo a pele. Costurar as memórias não é fácil, às vezes é sofrido, dói, e dói muito.

Eu disse em uma aula da disciplina Memória e Narrativa em Artes Visuais, para a qual escrevo este ensaio, que eu choro demais quando mexo com minhas memórias. É verdade, toda vez. Talvez seja porque eu venha, de uns anos para cá, redescobindo os sentidos e a importância desse liame. Tecer essa teia, tem sido um expurgo e ao mesmo tempo, uma catarse, uma espécie de renovação de ciclos e de muito aprendizado. De esperar que me faça transformar, sempre.

A proposta de, a partir dos sentidos como disparadores, materializar as memórias que nos formam, me remeteu instantaneamente às origens das linhas em minha vida. Eclea Bosi, entrevistada no artigo Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano, diz que:

O passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. Então, a memória deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser a memória geradora do futuro. (BRUCK, 2012. p.198).

No meu caminho, esse tem sido o papel dessas memórias que vêm sendo restauradas e resignificadas, gerando novas passagens através da potência dos afetos. Não é fácil para mim abrir a caixa do passado e deixar eclodir o que estava no plano do esquecimento, são muitos os sentimentos e as sensações. Seguindo o pensamento de Didi-Huberman, procurando por baixo das cascas das árvores arrancadas na Polônia, a história

ainda a ser contada, "Olhei. Olhei, julgando que olhar talvez me ajudasse a ler algo jamais escrito" (DIDI-HUBERMAN, apud NOVA, 2014. p.66), mexer nos guardados é reter os labirintos da existência, revolver lembrança por lembrança à procura dos rastros, por à mostra as cicatrizes, "Os debaixo das cascas" (NOVA, 2014), reencontrar o meu íntimo, e dele extrair novos sentidos.

Para tecer o Rubro Liame da Memória, o fio condutor não poderia ser outro, senão, onde tudo principia. Elas, as três mulheres da minha vida, que não só reuniram em mim suas cargas genéticas, mas que juntaram seus fios em uma única tessitura e coseram a teia da minha vida. Elas, que no emaranhado confuso que é a vida, tiveram sabedoria para desatar, quando necessário, alguns nós cegos que atrapalhavam a costura do meu caminho e me deixaram a desatar sozinha tantos outros. Que, com a mesma maestria que costuravam, teciam e crochetavam, bordaram em meu ser as linhas que percorrem a minha vida. Do direito ao avesso, do avesso ao direito, no vai e vem da mão e da agulha que leva a meada vermelha do fio da vida, revelando as duas faces de mim, aquela que está à mostra e aquela que nem sempre está visível. Essas três mulheres tão diferentes, que olham por mim de outra dimensão, juntas e cada uma à sua maneira, formaram a mulher que sou hoje, me ensinaram que viver é abrir os olhos para mundo e

Para abrir os olhos, é preciso saber fechá-los. O olho sempre aberto, [...] torna-se seco. Um olho seco veria talvez tudo, o tempo todo. Mas

olharia mal. Para olhar melhor nos são necessárias – paradoxo da experiência – todas as nossas lágrimas. (DIDI-HUBERMAN, apud NOVA, 2014. p.65).

Minha mãe, Senise. Minha avó Stella, vó Dinda. Minha avó Eurides, vó Ide. Elas são as minhas maiores referências, guardadas em um relicário de memórias, caixinha que pertenceu à vó Ide, representadas como Patuás sagrados, **minhas guias**, trazendo dentro de si, bordadas, as suas características que arrematam o liame da nossa ligação. **Força, Coração e Determinação.**

**Figura 1 – Louise Gusmão, Patuás, bordado sobre impressão fotográfica e caixa de madrepérola, 22x27x12cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Louise Gusmão, 2021.

**Figura 2 – Louise Gusmão, Patuás, bordado sobre impressão fotográfica e caixa de madrepérola, 22x27x12cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Louise Gusmão, 2021.

Desenrolando o fio dessa memória familiar, não há como não lembrar dos cheiros e sabores das casas das vós. Os domingos eram delas, e lá, tudo era permitido. Na casa de vó Ide, além da sua caixa de crochê, tinha cheiro de bolo no ar, a farra da pipoca embaixo da mesa, assistindo TV, sorvete no pote... E o famoso avoador, biscoitinho de polvilho da sua cidade natal, Vitória da Conquista. Na casa de vó Dinda, tinha uma caixa de costura verde, com lãs e tapeçarias inacabadas e tinha também, beiju, mingau de tapioca, bolinho de feijão para comer com a mão. Havia uma única xícara de florezinhas rosa, que só eu usava. E demorei para usar, para não correr o risco de

quebrar, mas chegou o dia tão esperado, quando eu tinha uns seis ou sete anos. Foi um momento que marcou muito, eu, tão pequena e dona de uma xícara!

Toda aquela comilança nas casas das vós que, às vezes, durava o dia todo, não era apenas para saciar o nosso paladar e nossa fome. Rubem Alves, em sua crônica A Festa de Babete, diz que, "quem pensa que a comida só faz matar a fome está redondamente enganado [...] depois de comer, as pessoas não permanecem as mesmas. Coisas mágicas acontecem", e que muito melhor que comer, é cozinhar. E era esse o prazer das minhas avós. Ver e sentir nossa felicidade, era muito mais que alimentar. A mágica dos sabores de domingo, era o amor.

**Figura 3 – Louise Gusmão, Domingo, coração bordado sobre xícara de porcelana, 10x10x5cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Louise Gusmão, 2021.

Mas, bem emaranhados com os sabores, são os cheiros. Cheiro é aquele negócio que instiga, que vai entrando pelo nariz, a gente se apruma na menção de procurar de onde vem, de repente fechamos os olhos e pronto, já atingiu, em cheio, nossa memória!

São muitos os cheiros que carrego em minha memória, e acho que por isso, o olfato foi o meu sentido disparador mais difícil. Cheiro que amarra nossa memória, é aquele que tem sentido de acolhida, de abraço, de colo, de afeto... de proteção. Nesses tempos pandêmicos que estamos vivendo, tão duros, com tanto desamor, tanto luto, tanta dor, de lonjuras e saudades, sentir o cheiro do que nos conforta e que de algum modo nos aquece, é um alento. Na alma, na dor, no corpo.

Como "a memória desconhece a ordem cronológica", nas palavras de Iclea Bosi (BOSI apud BRUCK, 2012), o desejo da acolhida, da relação com os meus, me levou a resgatar cheiros que vêm lá da minha infância. Que me transportam para o colo da minha vó materna, vó Dinda, e da minha mãe. Um cheiro de calma, de sossego, e de carinho, que vinha amarrado numa fronha branca, um travesseirinho de macela, ou Marcela, às vezes, minha avó pingava alfazema, também. Essa era a senha para o senhor João Pestana chegar, fechar nossos olhos para termos bons sonhos e dormir, através do cheiro do afago, do abraço e do colo, de uma ou de outra. O senhor João Pestana, também acalmou os sonhos do meu filho, junto com seu travesseirinho de macela, feito por mim. Até pouco tempo ainda guardava, mas ele mesmo, o tempo, implacável que é, se encarregou de dissolver essa lembrança.

**Figura 4 – Louise Gusmão, João Pestana, travesseiro bordado, 20x20cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Louise Gusmão, 2021.

O cheiro é quase tão poderoso quanto o tato, o toque. Esse é responsável pelos sentidos vivos da presença. É tão forte, que não é necessário falar nada, basta sentir. Um abraço que dissolve a falta, a saudade e que ameniza a perda. Uma mão que encontra o apoio, o carinho, o amor.

Uma das minhas memórias mais fortes do tato, foi o momento em que a ligação do cordão umbilical, meu e de meu filho, foi desfeita e, a costura do liame se refez ao primeiro toque nele, que gerei e carreguei no ventre durante meses. O sentir inexplicável. A potência desse toque, que durante muito tempo é o guia, o fio condutor entre a mãe e o filho, ele e eu. O calor das mãos, a firmeza do braço que carrega, a energia do peito que alimenta, sustentados pela força, do toque sutil, de pequeninas mãos.

Uma força imensurável que fortalece as ligações, conduz e transforma os caminhos. Uma teia que, como a da aranha, é retirada do próprio ventre e é tecida contínua, precisa e delicadamente na nossa linha do tempo. E mesmo que esse tempo não pare de fluir e nunca volte, esse tecer incessante de afetos, jamais deixará de estar emaranhado em nossas vidas e em nossas memórias.

**Figura 5 – Louise Gusmão, Ligação, bordado sobre impressão fotográfica e fios, 20x20cm, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Louise Gusmão, 2021.

Nessa tessitura volumosa da teia da vida, entre seus labirintos e fios, são muitos os momentos em que é preciso pausar o tempo. Pausar para desatar os nós cegos que embaraçam a costura do caminho. Desenlinhar o fio da vida requer, de quem tece, paciência. Às vezes, é necessário deixar a trama ali, embolada, sem mexer. Sair de perto, respirar, sentir, escutar...

Meu refúgio, meu porto seguro, é o mar. Em frente ao mar respiro fundo, fecho os olhos e deixo todos os sentidos virem à tona. Da mesma forma que o mar me acalma, me permite refletir, o sal que banha meu corpo e entra no meu organismo leva embora as energias ruins e renova as minhas forças. As forças vindas daquela que mora n'água. É ali, naquele momento de solitude e imersão, que meu corpo se fortalece, que minha alma se refaz e que as minhas memórias coexistem. Que eu me sinto melhor.

**Figura 6 – Louise Gusmão, Descarrego, bordado sobre impressão fotográfica e sal grosso, 20x24cm, 2021.\***



Fonte: Acervo pessoal de Louise Gusmão, 2021.

Para o neurocientista Ivan Izquierdo, “Não há tempo sem um conceito de memória” (IZQUIERDO,1989), o presente não pode existir sem o conceito de tempo, como também, “não há realidade sem memória e sem uma noção de presente, passado e futuro” (IZQUIERDO,1989).

O tempo de bordar é um tempo processual, lento e ao mesmo tempo forte, vibrante. A agulha penetra o tecido pedindo passagem para um novo ponto, uma nova trama, num vai e vem infinito, costurando, reconstruindo e refazendo, mas também tecendo uma nova trama. Sigo, unindo com linhas e com tramas, as minhas memórias, algumas deixo no lugar do esquecimento, com outras, faço pontos largos, grossos ou apenas alinhavo, sem me perder das minhas raízes, mas como se quisesse rascunhar o que virá.

## REFERÊNCIAS

BRUCK, Salomão Mozahir. **Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano**. Entrevista Iclea Bosi. Revista Dispositiva. v.1 n.2, 196-199. Ago-dez 2012. PUC-MG.

IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Revista Estudos Avançados, V.3 N.6, 89-112. 1989. USP Disponível em> <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522><. Acesso em 03 jul 2021.

NOVA, Casa Vera. Cascas Sobre O Papel: memória do dilaceramento – **Revista Aletria** - n. 2 - v. 2 4, 65-75. 2014 – maio-agosto.

\* Para ouvir o som do mar, acesse o aplicativo spotify, entre na busca, clique na câmera no canto superior direito e posicione o leitor de QRcode, em cima do código na foto. Bordado interativo feito pela primeira vez por @bastidordoamor.

## A DOR SEM FILTRO

Luciene Torres de Carvalho Nunes

A série de imagens de artes em fotografia foram feitas a partir de uma deriva pelas ruas do Recife durante a noite. Havia passado por vários assaltos junto com meu filho, e tinha medo das ruas da cidade. Ao mesmo tempo em que tinha uma profunda dor em ver a miséria nas ruas do Recife. Teve um momento que decidi enfrentar esta situação e agendei com um grupo pela rede social, pessoas que não conhecia, para sair junto com eles. Este grupo ia fazer distribuição de alimentos, e outras assistências sociais para os moradores de rua. Levei o meu celular para fotografar, quando percebi que perdiam a espontaneidade, e eu também estava desconfortável, resolvi guardar. Tirei poucas fotos, somente no início do percurso. Decidi vivenciar sem registro formal, viver a situação com todos os sentidos e a memória. Quando do retorno para casa, ainda madrugada, resolvi fazer o registro de forma literária, fiz uma crônica e no ano de 2019, foi publicada numa revista especializada. Alguns dias depois desta deriva - chamo de deriva, porque desconhecia o caminho a ser percorrido, nem o roteiro e muito menos o deambular desta situação - durante o dia fiz o mesmo percurso e registrei com fotografias os locais onde estive na noite e madrugada em 2014.

Com o estímulo das aulas sobre os sentidos e as memórias, certamente ficou mais complexa esta vivência. Era uma vivência em todos os sentidos. Fiz outros desdobramentos deste evento, também em artes, mas parece não dar conta.

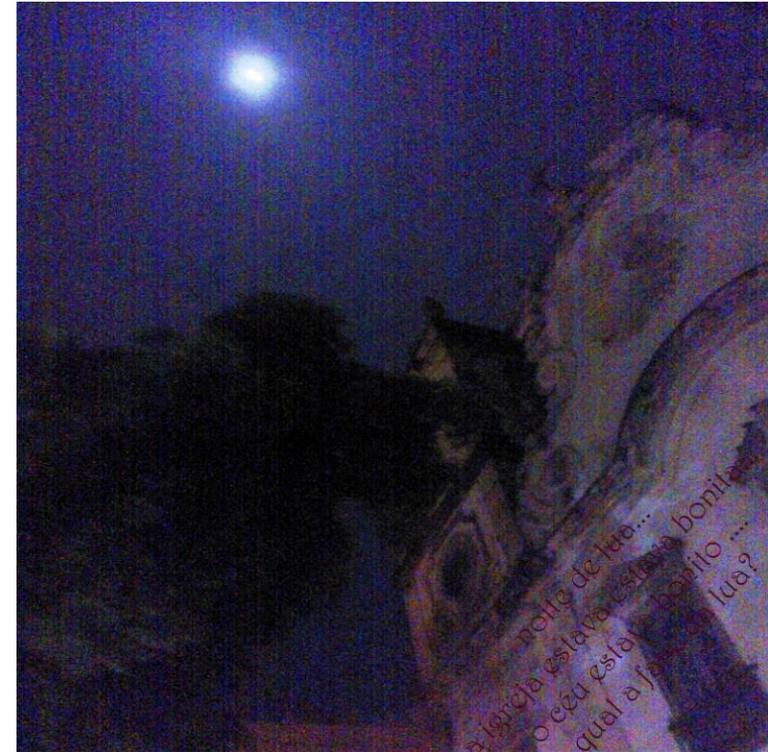
Para esta atividade, manipulei imagens que tirei na noite do ano de 2014, também as imagens capturadas durante o dia do mesmo ano, e fiz este ensaio fotográfico. A foto da igreja desfocada com a lua, foi a primeira imagem capturada na noite, na rua da Imperatriz Tereza Cristina, em frente a Matriz da Boa Vista. As outras imagens deste ensaio correspondem à rua do Imperador D. Pedro II, rua em frente ao Palácio das Princesas onde mora o gestor maior do estado de Pernambuco, duas imagens do cemitério de Santo Amaro e outra do entorno do Mercado de São José. Nesta deriva, houveram muitas tensões quanto às relações sociais, abordagens de afetos e às vezes violência, uma visão impactante da miséria. A existência de camadas sociais dentro da miséria. A revolta contra os poderes públicos e várias outras questões que talvez não tenham uma resposta, ou uma saída digna de curto prazo para as pessoas humanas que moram nas ruas. É fome de tudo.

Lembrei de uma escuta no ambiente virtual das aulas neste ano pandêmico da covid 19, onde a memória é a constante luta por falar. Desenvolvi este ensaio fotográfico com flores, talvez para dar uma leveza. No contexto das aulas, teve um excerto no artigo, Plasmático: Escovar a história a contrapelos, de Lucian Januário e Robson Xavier (2020. P.2), afirmam que o artista, José Rufino na

sua instalação de arte na Bienal de São Paulo no ano de 2012, inseriu o sentido do olfato, emanava cheiro de flores jasmim na sua obra, uma essência que o artista esfregou com as mãos.

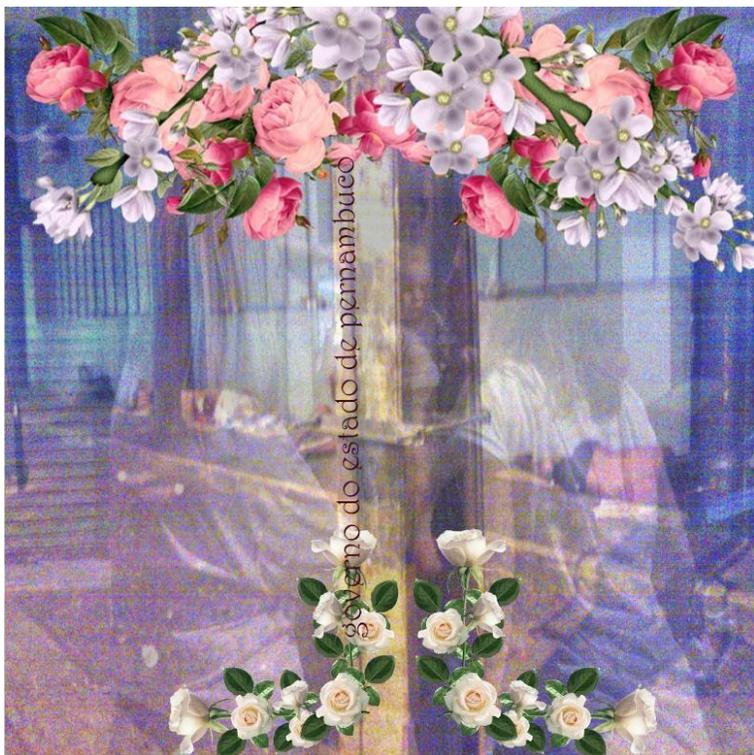
Existiram flores nesta deriva, quando passei pelos camelôs que vendem flores no Recife antigo, e quando parei na praça do cemitério no Bairro de Santo Amaro. Eram perfume das flores, novas, velhas, flores de defuntos, mas, são flores. Lembra, também, a flor do poema, A Flor e a Náusea, da Antologia Poética (1978. P.14) de Carlos Drummond de Andrade, onde a flor rompeu o asfalto, ou as flores jogadas ao mar para os migrantes mortos que tentaram uma travessia para fazer uma mudança de vida. É também um pedido sagrado para que o melhor aconteça à humanidade. Neste ensaio fotográfico, A dor sem filtro, foi feito a partir de afetos, de lembranças, de dores, de histórias, e da relação do eu sujeito artista e a interrelação com a sociedade, com o Brasil que habito.

**Figura 1 – Luciene Torres, Visão da Noite – Série A Dor Sem Filtro, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Torres, 2021.

**Figura 2 – Luciene Torres, Afagos – Série A Dor Sem Filtro, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Torres, 2021.

**Figura 3 – Luciene Torres, Ouvir a voz de Deus – Série A Dor Sem Filtro, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Torres, 2021.

**Figura 4 – Luciene Torres, Sabor do Lixo – Série A Dor Sem Filtro, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Torres, 2021.

**Figura 5 – Luciene Torres, Coroa de Flores – Série A Dor Sem Filtro, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Torres, 2021.

# **CURSO INTENSIVO DE ARTE NA EDUCAÇÃO – CIAE: UM OLHAR A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO DOS ARTE/EDUCADORES PERNAMBUCANOS**

Maísa Cristina da Silva

Este artigo constitui-se como uma pesquisa bibliográfica que tem como objetivo compreender o fenômeno formativo estabelecido pelo Curso Intensivo de Arte na Educação por meios das vozes de arte/educadores pernambucanos e apresentar Ensaio Visual.

O Curso Intensivo de Arte na Educação- CIAE foi um projeto criado, implementado e coordenado pela Escolinha de Arte do Brasil. Neste sentido, para uma melhor compreensão desse fenômeno formativo é importante que conheçamos a micro história da Escolinha Arte do Brasil- MEA.

A Escolinha de Arte do Brasil, fundada no Rio de Janeiro, em 1948, pelos artistas Augusto Rodrigues, Margaret Spencer e Lúcia Valentim. A EAB foi o início do

que seria mais tarde denominado Movimento Escolinhas de Arte (MEA), desenvolveu um importante e pioneiro trabalho de ensino de arte com crianças com deficiência e cursos de formação para arte/educadores.

Entre os cursos de formação para Arte/educadores vale ressaltar o CIAE que durante alguns anos se estabeleceu como “laboratório para treinamento de professores de arte, preocupados com os aspectos, processos e conteúdo, capaz de – mesmo não sendo oficializado - preparar professores para a operacionalização do processo de educação através da arte”. (INEP, 1980, p.91).

O CIAE durante 20 anos de existência, formou aproximadamente 1.200 (mil e duzentos) arte/educadores. (AZEVEDO, 2000).

Segundo (SILVA, 2012) CIAE influenciou os paradigmas na Arte/educação brasileira tornando se uma das mola propulsora do Movimento Escolinhas de Arte, haja vista que os cursistas, no regresso aos seus Estados de origem ou país, entusiasmados com as concepções pedagógicas, então, modernistas, se propuseram a continuarem nas evoluções dos debates teóricos e metodológicos propostos no Rio de Janeiro, fundando o que poderia se chamar de “unidades”, isto é, filiais, que estabeleceram a ideologia Movimento Escolinhas de Arte. Barbosa também evidencia esta perspectiva:

Depois que iniciou seus cursos de formação de professores, a Escolinha de Arte do Brasil teve uma enorme in-

fluência multiplicadora. Professores, ex-alunos (do CIAE – grifo nosso) da Escolinha, criaram Escolinha de Arte por todo Brasil, chegando a haver vinte e três Escolinhas somente no Rio Grande do Sul [...]. Constituindo-se no Movimento Escolinhas de Arte (MEA) (BARBOSA, 2008, p. 5).

Exemplos dessa afirmativa podem ser verificados nas alunas egressas do CIAE, tais como Salete Navarro e Solange Costa Lima. A primeira, ao retornar à cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, fundou, em 1962, a Escolinha de Arte Candido Portinari. E a segunda, ao retornar para Recife, criou a Escolinha de Arte de Olinda, (CARVALHO, 2019; SILVA, 2019).

## **MEMÓRIAS PERNAMBUCANAS SOBRE CIAE**

Nesta seção analisaremos memórias de três Arte/educadores que tornaram autoridades no Ensino da Arte a partir de textos já publicados.

Dentre este 1200 arte/educadores que cursaram CIAE podemos destacar os pernambucanos Solange Costa Lima, Rosa Vasconcelos e Sebastião Pedrosa.

A partir dos textos Solange Costa Lima e o Ensino De Artes Em Ongs (SILVA, 2019), Rosa por Rosa: Uma Autobiografia (SILVA, 2018), Sebastião Pedrosa: entre a docência e o Ateliê (PEDROSA, 2010) foi possível o tratamento e análise dos dados a partir dos estudos de

Bardin (1977). Segundo a autora, “O tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (p. 105).

A análise temática desenvolvida no sentido de compreender o fenômeno formativo estabelecido pelo Curso Intensivo de Arte na Educação por meios das vozes de arte/educadores pernambucanos em textos publicados proporcionou identificar Unidade temática como: (1) Relação Humana, (2) relações profissionais, (3) Técnicas Artísticas, (4) Oficinas, (5) expressão subjetivas. É notório que as memórias sobre o CIAE não cessaram de concordar com as memórias uns dos outros sujeitos evidenciados por temas comuns.

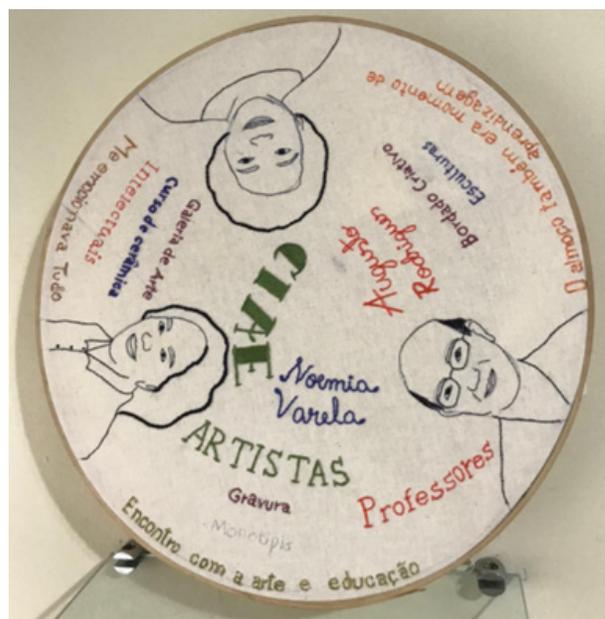
A partir da análise temática extraída das memórias publicadas em livros dos Arte/educadores observou-se que o fenômeno formativo estabelecido pelo Curso Intensivo de Arte na Educação se estabeleceu com um sistema de convivência entre artistas, professores, intelectuais fortalecendo a dimensão humana em ocasiões de oficinas até os almoços são citados pelos arte/educadores pernambucanos com momentos de aprendizagem.

Deste modo, compreendemos as memórias analisadas possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída por meios da comunidade afetiva que traz em seus depoimentos “bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum”. (Halbwachs, 1990, p. 34).

Já o ensaio visual toma dimensão estética a partir dos elementos temáticos identificados das vozes de arte/educadores. Um deste elemento é a técnica de Bordado Criativo citado por Solange Costa Lima. Tal técnica me trouxe uma lembrança afetiva da infância com as amostras de bordados da minha avó Edomita Araújo, as quais minha mãe colecionava.

Além de ser uma técnica que estou experimentando desde o isolamento social provocado pela pandemia do COVID-19.

**Figura 1 – Maísa Cristina Silva, Bordado criativo, bordado, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Maísa Cristina Silva, 2021.

Deste modo, adorno as memórias do fenômeno formativo estabelecido pelo Curso Intensivo de Arte na Educação com as minhas memórias familiares da infância.

De alguma maneira, me percebo bordando heranças subjetivas, pois os sujeitos pesquisados de algum modo perpassam a minha formação profissional a exemplo de Sebastião Pedrosa e Rosa Vasconcelos que são Professores aposentados da Graduação que cursei e hoje dou continuidade ao trabalho de Solange Costa Lima e Sebastião na Escolinha de Arte do Recife. Recintos profissionais desbravados por estes sujeitos que implementaram o campo da arte/educação em Pernambuco.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves. **Movimentos Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa.** 2000. 166 f. Dissertação (Mestrado em Arte Visuais) -Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. **Ensino de Arte: memória e história.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARDIN, Lurense. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. **Saete Navarro, Mentora Pedagógica da Escolinha De Arte Cândido Porti-**

nari. In: BARBOSA, Ana. Mae. Mulheres não devem ficar em silêncio: Arte, design, educação. São Paulo: Cortez, 2019. p. 122, 132.

HALBWAVHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vertice, Editora revistas dos Tribunais, 1990.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS-INEP. **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília, 1980. 128p. (Estudos e pesquisas, 6)

SILVA, Maisa Cristina da. **Curso Intensivo De Arte Na Educação (Rio De Janeiro, 1960 - 1981): Um Estudo A Partir Dos Jornais Arte&Educação**. Monografia (Especialista em Arte Educação) - Universidade Católica de Pernambuco. Unicap: Recife, 2012.

SILVA, Everson Melquiades de Araújo. **Rosa por Rosa: Uma autobiografia**. In: Silva, Everson Melquiades. Constâncio, Rudimar. (Cart@)grafias Afetivas: Rosa Vasconcelos e a arte/Educação. Recife: Sesc Pernambuco, 2018. P. 21, 31.

SILVA, Everson Melquiades de Araújo. **Solange Costa Lima e o ensino de Artes nas ONGs**. In: BARBOSA, Ana. Mae. Mulheres não devem ficar em silêncio: Arte, design, educação. São Paulo: Cortez, 2019. p. 285,309

ZACCARA, Madalena. **Sebastião Pedrosa: Entre a Docência e o Ateliê**. In: Artistas contemporâneos de Pernambuco e o Ensino da Arte. Recife: MXM Gráfica & Editora Universitária, 2011. P. 282, 290.

## PRIMEIRO ESBOÇO: MEMÓRIAS

Natália de Araújo Costa

Ontem acordei pensando em coisas que hoje não me lembro mais, mas sei que naquele momento me pareciam muito caras. A memória nos prega peças como me disse certa vez alguém que não me lembro quem. Para desenvolver este memorial busquei como mídia a fotografia, escrever memórias com a luz, é poético e uma das formas mais comuns de registro. O ensaio aqui apresentado é um postulado de memórias recortadas, das luzes que me permitiam enxergar aqueles momentos, e me convidavam ao registro.

Os caminhos que a memória percorre no corpo, passam por todos os sentidos sem sequer pedir permissão, invoca-os a se agruparem para criar em nós, lembranças e sentimentos, estes também se agrupam e aparecem por vontade nossa ou não, pois o resgate é feito tal qual o modo que as memórias foram concebidas: rápido como a grafia dos feixes de luz.

Com o desafio de transformar minhas questões sobre memórias em algo a ser compartilhado, encontro barreiras, mas também possibilidades de redescobertas, tendo em conta que reconheço o tratado sobre as memó-

rias, como impulsos criadores do meu cotidiano.

## **VISÃO**

“Os que vieram antes de mim vieram pelo mar” esta frase que ecoa em minha trajetória artística e acadêmica, em alguns momentos parece ter sido dita por antepassados, pois chegou em um fim de tarde, sentada em frente ao mar, na busca de um acalanto que viesse das ondas do atlântico. Penso ter herdado esta memória de outros que neste mesmo espaço perceberam a força de se perceber afrodescendentes. Ela ecoou também no momento em que brincava com as sombras, ao gravar o vídeo de onde recortei as imagens, nele, as mãos simbolizavam os movimentos calmos e precisos das ondas, simbolizando assim o sentido do olhar. O que chama por meu olhar, desde muito pequena tem uma forte ligação com o disforme, com borrões, sombras (.....)

## **OLFATO E PALADAR**

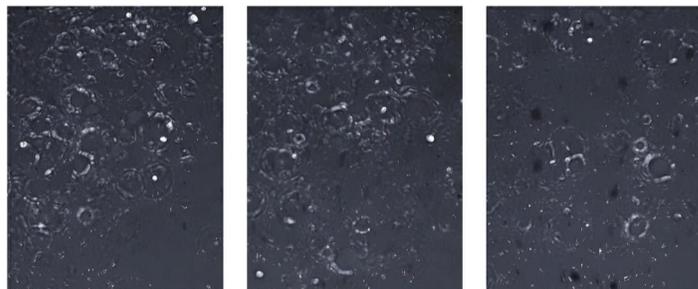
E como figurar um cheiro, com o transformar em uma imagem? O olfato é comumente responsável por transportar momentaneamente o indivíduo para um evento. Depois de um tempo me peguei olhando para a xícara de café, esquecida sob a mesa, lá tava a marca de onde antes, exalava o aroma do primeiro café tomado na manhã, para despertar. O cheiro, agora fora transformado em um círculo de cor marrom, que delimitava o espaço do que foi, sedimentado em vestígios do líquido que, faz parte de uma memória infantil. Daquele tempo em que eu tomava

um café num copo americano nos primeiros raios de sol do sítio dos meus avós, na Mata do Mel. Aquele despertar não invocado pelos mesmos impulsos do agora, era leve, tinha um cheiro acolhedor, que se misturava, numa sinestesia com o verde orvalhado, agora, ele se mistura aos aromas da vida adulta, rodeada de perfumes dos colegas de trabalho e do álcool espirrado nas mãos, antes de tocar a cafeteira coletiva.

## **TATO E AUDIÇÃO**

O que seria o tato se não o sentido que “aproxima” o sujeito do mundo, de sí. As imagens escolhidas para tal representação são abstratas, como já dito, faz parte da minha leitura de mundo, caberia a mim traduzir o que resultou tais representações? Ou deixaria a cargo do leitor? Me permito dizer que são gravuras feitas com água, movimentos efêmeros agora congelados, imagens audíveis de um tilintar que figura momentos reflexivos de quem escreve, quando ainda na infância, se debruçava em janelas para ver águas caindo. No agora, a memória se mistura tal como a descrição de como o cheiro evoca situações, a água aqui se apresenta como passível de se lavar lembranças, numa tentativa de que lave e leve as impurezas, sejam elas recentes ou enraizadas.

**Figura 1 – Natália de Araújo Costa, Série Rastros, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Natália de Araújo Costa, 2021.

**Figura 2 – Natália de Araújo Costa, Por onde passei, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Natália de Araújo Costa, 2021.

**Figura 1 – Natália de Araújo Costa, Série Rastros, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Natália de Araújo Costa, 2021.

## DITOS E NÃO-DITOS DE UM PARIR

Patrícia Correia Vilela da Silva

Este Ensaio Visual chama-se “Ditos e não ditos de um parir” refletidos a partir dos cinco sentidos: audição, visão, tato, olfato e paladar, ainda que eles não se apresentem isoladamente em si neste trabalho. Inicialmente tentei trabalhar de acordo com o meu tema de pesquisa do mestrado que se refere a formação Inicial de professores em Artes Visuais e sua relação com as tecnologias mas fui tomada por uma avalanche de memórias que ainda estão muito afloradas em meu ser.

Estas memórias se referem ao meu parto que ocorreu em 2018 e me fizeram e me fazem pensar muito na minha condição de mulher e na condição de outras mulheres diante da sociedade. Dentre tantas violências que as mulheres sofrem e que são discutidas nesse período contemporâneo a violência contra a mulher no parto ainda parece ser invisível. Trago neste trabalho momentos vividos em meu parto que desde quando escutava minha avó e minha mãe relatarem violências em seus partos pensei que eram momentos já superados ou, pelo menos, atenuados e mesmo triste e horrorizada por elas me sentia aliviada por não termos, nós mulheres, que

passar por isso nos dias de hoje, mas que infelizmente ainda continuam existindo e foi experienciado por mim também.

Trata-se de memórias doloridas e como diz Candau (2011, p.63) “A memória organiza traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo por demandas do futuro” e como dito anteriormente escolhi esse tema por tê-lo ainda muito vivo em mim, mesmo decorrido 3 anos do seu acontecimento e principalmente por estar grávida neste momento, estas memórias influenciam diretamente meu presente e ter que passar por um parir novamente me desperta medo e inseguranças, inseguranças essas que afligem muitas mulheres e precisam ser refletidas urgentemente para não perpetuar por um futuro muito longo.

Durante o meu parir escutei ditos que aparentam ser inofensivos, mas que nos limitam, nos conformam, nos diminuem, nos esvaziam e ameaçam nossa autonomia. Aqueles “profissionais” envolvidos no parto que deveriam nos acolher e nos proteger tornam-se carrascos registrados, autorizados e protegidos por um suposto conhecimento superior e por sua comunidade e todo momento de dor e desrespeito vivido por nós mulheres é romantizado no intuito de perpetuar o não dito, o silêncio.

No livro “O Papel da Memória” o autor Eni P. Orlandi (2015) fala do apagamento de memórias impostas por questões políticas e históricas quando diz que “De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos.” que se refere a maio de 68, mas que

me faz refletir sobre o momento do parir em que tantas mulheres, assim como eu, nos sentimos torturadas e agredidas e temos momentos roubados de nossas vidas. Esses apagamentos impostos a nossas histórias e aos nossos corpos só reforça o subnível social em que nos encontramos e o quanto se estendem além do momento do parto.

Desde que surgiu a humanidade que a mulher gera seus filhos e mesmo hoje a falta de humanização com esse momento está naturalizado e agregado a esses procedimentos agressivos e sem sentido. É uma violência institucionalizada e normalizada em que muitas mulheres nem percebem essas violências e não se dão conta do aprisionamento que elas nos impõe. Em meu ensaio divido esses momentos em 3 sessões, chamadas "Momentos vividos", "Momentos apagados" e "Silenciamento". Para representar os "Momentos Vividos" utilizei desenhos digitais com grafia explorando os sentidos da audição e do tato que retratam violências vividos durante o meu parto. Em "Momentos apagados" trago através de imagens digitais manipuladas e grafias as consequências físicas e psicológicas dessas violências e o esvaziamento que ela nos deixa explorando os sentidos do paladar e do olfato.

E por fim o "Silenciamento" onde faço uma montagem digital com trechos de uma carta denúncia direcionada ao Conselho Regional de Medicina de Pernambuco onde relato as violências vividas por mim e que em resposta a essa carta recebo o nome de "Insubordinada" reforçando assim o não protagonismo da mulher sobre seu corpo explorando assim o sentido da visão.

**Figura 1 – Patrícia Vilela, Momentos vividos 1, desenho digital, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Vilela, 2021.

**Figura 2 – Patrícia Vilela, Momentos vividos 2, desenho digital, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Vilela, 2021.

**Figura 3 – Patrícia Vilela, Momentos Apagados 1, desenho digital, 2021.**



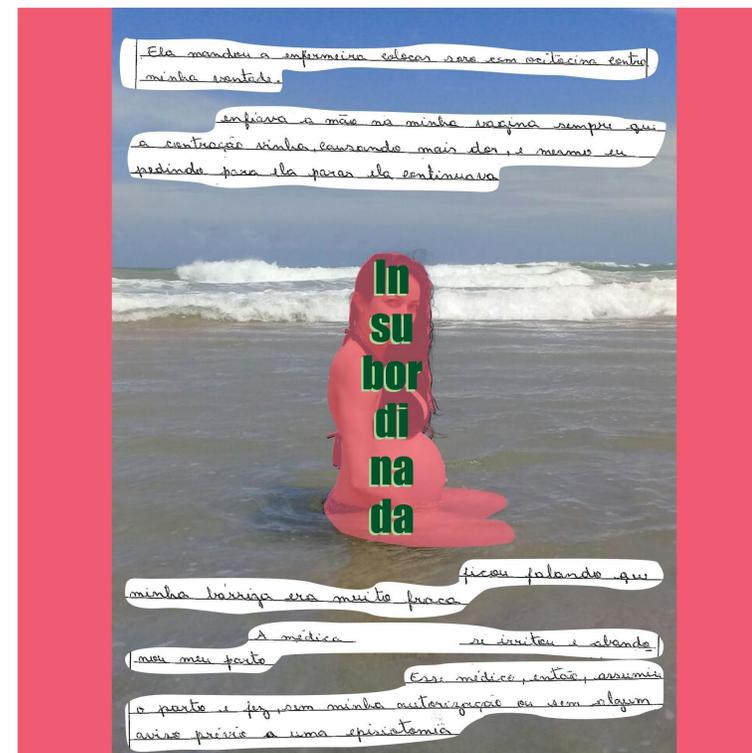
Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Vilela, 2021.

Figura 4 – Patrícia Vilela, Momentos Apagados 2, desenho digital, 2021.



Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Vilela, 2021.

Figura 5 – Patrícia Vilela, Silenciamento, desenho digital, 2021.



Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Vilela, 2021.

## REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PECHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes Editores. 2015

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto. 2011.

## A CASA, O TEMPO, O TEMPLO E O PÓ: OS SENTIDOS E O FIM

Raisa Filgueira Soares Gomes

O presente memorial diz respeito ao trabalho final da disciplina tópicos especiais em processos teóricos e históricos em Artes Visuais: memória e narrativa, ministrada pelos professores Maria Betânia e Silva e Robson Xavier da Costa. As imagens produzidas discorrem sobre a relação da memória com os sentidos.

Diante disso, o primeiro sentido explorado foi o da visão, e no processo de revisitar a memória, as primeiras imagens que surgiram na minha cabeça estavam associadas a sala de jantar da casa da minha avó. Naquele espaço, além das refeições, histórias eram contadas, aniversários eram comemorados e orações eram rezadas. Era local de riso e choro. Mas hoje as lágrimas são relativas à saudade. Naquela mesa muitos sentaram e muitos se foram, pois, as pessoas da sala de jantar são obrigadas a nascer e morrer. A técnica é: carvão sobre papel canson e foto colagem. A produção, de madeira geral, se relaciona com vários textos abordados em sala de aula, cujo conteúdo está relacionado à memória e o seu papel diante da

sociedade, a memória e os sentidos, relações da memória com o tempo, entre outros. Sendo assim, a essa produção recorre constantemente as memórias que eu vivenciei e o seu fim.

**Figura 1 – Raísa Filgueira, As pessoas na sala de jantar, carvão sobre papel canson, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Raísa Filgueira, 2021.

A sala, a casa, os quartos, o terraço, eram ambientes de movimentação constante, de muita vida e através do som me conecto novamente àqueles espaços. A campanha que anunciou tantas chegadas, tantas visitas, recentemente anunciou o fim e o seu próprio fim. A casa chegava ao final do seu ciclo e a campanha também,

e o seu som se esvaia como muita história que ali aconteceu ou que ali foi rememorada. E o prenuncio do fim conecta aquele lugar, aquele lar, a um templo, cuja narrativa é oficial, mas que faz também parte das narrativas não oficiais. E o templo também é lugar do fim, também anuncia o fim, quando badala na sua torre sineira, na sua casa. Esses espaços comungam o Adeus e também o novo, a vida. Numa bruma não tão leve a vida também pode ser anunciada.

**Figura 2 – Raísa Filgueira, Sino e Sina, foto colagem, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Raísa Filgueira, 2021.

E entre a vista e o som, o cheiro é gatilho para uma memória antiga, que me leva a cozinha e me faz resgatar o aroma da camomila, do cravo e da saudade. O mês de junho era o mês mais cheiroso do ano, e o cheiro das ervas saudavam os festejos devotados aos santos, São João e São Pedro. A desculpa dos pagãos para se reunir nas ruas do entorno da Igreja e a desculpa dos devotos para se comportar como os pagãos. A mistura do divino com o profano, como o cheiro da mirra e do cravo, misturando as memórias de vida e também de morte. As perdas físicas e simbólicas encontram esses dois espaços, a casa e o templo, e se dissipam. A saudade tem cor, tem som e também tem cheiro.

**Figura 3 – Raísa Filgueira, O Cheiro da Saudade, foto colagem, 2021.**

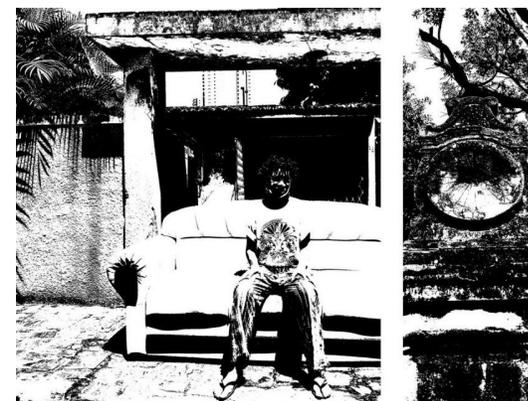


Fonte: Acervo pessoal de Raísa Filgueira, 2021.

Na hora de comer, o sofá da sala de estar dava apoio para a sala de jantar, que muitas vezes não tinha lugar para todos e lá era o momento das refeições, na frente da televisão, onde a conversa rolava solta e os olhos também a fitavam. E ao passar pelo jardim do antigo convento franciscano, quando me deparei com o relógio do sol, percebi o poder do tempo e que o gosto bom também acaba e fica o sabor da saudade, hora amargando, hora adoçando, a boca e a alma.

É difícil entender que o prato acaba, o sabor acaba e fica o dissabor. E o gosto de querer mais um tempo, mais do lar do que do templo, mais do sofá do que da rua, volta a ocupar o céu da boca outra vez. E o paladar tudo habita, ele é latente no corpo, na alma, no sofá, na sala e na mesa.

**Figura 4 – Raísa Filgueira, Hora de comer, Hora de morrer, foto colagem, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Raísa Filgueira, 2021.

A despedida perpassa por todos os sentidos e encontra no tato o adeus final. A árvore caiu, no quintal das texturas, a da grama, a da terra, a da manga, do jambo e da flor. O tapete cor de rosa dará lugar ao tapete cinza do concreto, onde irão se concretizar outras histórias, onde outros frutos irão germinar. A pedra bruta também edifica e a água limpa, pois, a natureza é fluída, cíclica.

**Figura 5 – Raísa Filgueira, O bruto, o fluído, o fruto e o fim, foto colagem, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Raísa Filgueira, 2021.

Contudo, mesmo com os sentidos rememorando o fim, resgata-se também o sentido de ser e viver. Na casa que eu conheci o amor, as memórias são molas propulsoras para seguir, seguir semeando o afeto, o riso, o cuidado, o amor em sua forma mais pura e singela. E no templo as

memórias também trazem significados e fertilizam um terreno preparado para semear o novo, levando amor para onde era/é estéril, descortinando o que foi encoberto.

Minha poética é a minha memória, é aquela casa, é a minha vó, minha tia avó, as árvores, o terreno, o pé de moleque, o cheiro do bolo inglês do sábado, as brigas vãs, o cochilo no sofá, os sons que vinham da igreja, a sanfona do vizinho, é o carro da uva passando, é a água no jardim regando, os amigos tocando a campainha e o amor que se foi. Minha poética é o catecismo, é a transgressão, é a ruína, a ruína da casa, a ruína do templo, a ruína do tempo, sou eu. É pau, é pedra, mas não é o fim do caminho.

Na travessia vamos retalhando memórias pelos sentidos, pelos chamados e dando sentido a trajetória. O que deve ser coberto, o cobertor da vida se encarrega de velar, e o que deve ser descortinado aparecerá. Não sou só, não sou pó, muito tenho para falar, para viver, amar, construir o novo e ser. São cinco os sentidos, mas inúmeras as formas de sentir. Rever o passado é morrer e nascer de novo. Somos poesia e obra em construção, ruindo e sendo edificados no mesmo corpo estrutural. E dessa forma se apresentam as obras produzidas, resgatando a velha roupa colorida que dará o tom do amanhã e renovará as esperanças. Perpetua-se o que se foi e se viu, deixando as janelas e as portas abertas para muitas bandas passarem. A terra deixa arada, para que a vida nos dê flor e fruto, pois como disse o poeta, somos folhas, coração, juventude e fé.

## VIAGEM PELO CAMPO DE GIRASSOIS

Raquel Nascimento de Brito Vasconcelos da Silva

Este memorial consiste em um breve relato de meu percurso de formação, onde, a partir de minhas memórias vou tecendo produções que se conectam com as lembranças que percorrem alguns registros importantes de minha vida.

Ele foi proposto como instrumento de avaliação para a disciplina de Tópicos Especiais em Processos Teóricos e Históricos em Artes Visuais ministrada pelos professores Robson Xavier da Costa e Maria Betânia e Silva no Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais (UFPB/UFPE), e tem como objetivo realizar produções artísticas sobre memórias e narrativas individuais a partir dos cinco sentidos: visão, tato, audição, paladar e olfato.

À medida em que as aulas foram ministradas, fui revisitando meu passado, abrindo gavetas que abrigam minha memória, que foi construída com base nas lembranças com as pessoas com quem convivi, pois para Halbwachs (1990, p. 26), "nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros,

mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós".

Nas cinco produções artísticas estão presentes como fio condutor a imagem de girassóis, que representa, para mim, felicidade, força e energia positiva.

O primeiro sentido sugerido para produção artística foi a visão. Para este momento me conectei à minha infância, lembrei o que eu ainda criança observava e tenho guardado na memória até os dias atuais: meu pai desenhando figuras que representavam corpo humano, animais e paisagens. Ele desenhava e depois pedia que eu desenhasse também, me orientando e me estimulando a também desenhar e me expressar.

Com isso, o desenho se tornou algo natural ao meu cotidiano, pois além de observar meu pai desenhar, eu assistia com os olhos encantados a minha mãe pintar panos de prato, costurar nossas roupas e fazer "lancheirinhas" dos aniversários meus e de meus irmãos. Assim, minha produção revela meu olhar de encantamento ao assistir as habilidades de minha família.

**Figura 1 – Raquel Nascimento, Olhar de encantamento, aquarela sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Raquel Nascimento, 2021.

O tato foi o segundo sentido proposto para produção artística da turma. E durante esta pandemia que estamos vivenciando, em meio ao isolamento social que ela proporcionou de forma singular, submergi até profundo do meu ser, sentindo necessidade de me aprofundar em questões relativas ao autoconhecimento e refleti sobre questões pessoais e familiares. Assim, pude reencontrar forças para retornar meus estudos em meio a tantas mudanças no cotidiano, terminei minha especialização e obtive êxito na seleção para o mestrado.

Dessa forma, a produção referente ao tato é um mergulho até os sonhos que estavam guardados, é um encontro com eles de forma tranquila e palpável. É uma memória que denota alegria em se encontrar e se permitir ser quem é. É também um momento que despertou desejo por experimentar novos processos criativos.

**Figura 2 – Raquel Nascimento, Mergulho aos sonhos, aquarela sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Raquel Nascimento, 2021.

Logo depois, chegou o momento de visitar uma memória que tenha como referência a audição. E lembrei de quando minha mãe estava me aconselhando e disse que ouvir era diferente de escutar, que eu deveria escutar para poder compreender o que cada pessoa tinha a me dizer e que muitas vezes o que é dito está além das palavras e extravasa nos gestos.

Com esta memória penso em diversos momentos em que pude ouvir e distinguir o que poderia me auxiliar na construção do meu ser, pois estando em constante troca com o mundo, com a sociedade, eu estou em constante evolução e também estou construindo memórias junto a minha família, amigos, colega de profissão e alunos. Por outro lado, esta memória também me faz pensar no silêncio. Escutar também é silêncio, e este silêncio é o tempo que leva para sentir as palavras percorrendo meu íntimo e permeando meu processo de entendimento.

**Figura 3 – Raquel Nascimento,  
Sentir as palavras, aquarela sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Raquel Nascimento, 2021.

Posteriormente, chegou o momento de realizar uma produção a respeito do sentido do paladar. Confesso que revisitei muitos momentos, principalmente os vividos entre família e amigos. Festas de aniversário com salgados e bolo recheado com cobertura. Almoços especiais de domingo. Idas ao cinema que terminavam em lanches acompanhados de conversas intermináveis. Receitas de bolo que fiz acompanhada dos meus filhos ou até mesmo brigadeiros que eu e uma amiga fizemos quando éramos adolescentes para vender na escola na hora do intervalo a fim de arrecadar dinheiro para comprar algum objeto que precisávamos. Os cafés tomados na sala dos professores regado as conversas sobre nosso dia-a-dia em sala de aula. O açaí que minha filha adora e a pizza de calabresa que meu filho tanto ama.

Diante de tantas memórias que trazem experiências tão significantes com o paladar, guardo a imagem do jardim que tinha na casa que vivi durante a minha infância. Tinha vários tipos de plantas, rosas de várias cores, tinha um pé de comigo-ninguém-pode. A grama era bem verde e várias vezes eu e meus irmãos nos sentávamos para observar o céu a noite enquanto minha mãe fazia a janta na cozinha de casa.

O que eu mais gostava do jardim era quando minha avó deixava eu ajudá-la a aguar as plantas e observava os beija-flores visitarem as flores enquanto dançavam no ar. Assim, enquanto essas aves graciosas planavam como se o tempo parasse apenas para que as assistíssemos, elas se alimentavam no néctar das flores e nos alimentavam partilhando conosco o seu existir.

**Figura 4 – Raquel Nascimento, Beija-flor, aquarela sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Raquel Nascimento, 2021.

Por último, nos foi proposto uma produção que se relacionasse ao sentido do olfato. São tantos cheiros que percorrem o meu caminhar neste mundo e que me fazem lembrar de momentos especiais. Porém, o cheiro do café me conecta a inúmeras memórias de minha vida.

Tanto minha avó materna quanto minha avó paterna gostavam de preparar o café. Eu amava o cheiro do café que elas faziam percorrendo a casa. Para mim, preparar o café é um ato de amor, de criação de memórias entre a família, de preservar do momento passado que são entrelaçados entre as conversas envolvidas pelo aroma.

Segundo Nova (2014, p.68), “preservar a memória, salvar os restos, o passado, as falas e as imagens para não esquecer” seria uma forma de conservar um tempo pregresso e construir o futuro, porque hoje, vejo meu pai preparando o café que outrora minha avó preparava, e amanhã será eu a preparar.

E desta maneira, eu vou compartilhando experiências e percebendo cada vez mais a arte como um instrumento para transmitir nossas memórias e auxílio para construir o futuro.

**Figura 5 – Raquel Nascimento, Aroma de café, aquarela sobre papel, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Raquel Nascimento, 2021.

## REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro. 1999.

NOVA, Vera C. Cascas sobre o papel: memória do dilaceramento. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S.l.], v. 24, n. 2, p. 65-75, ago. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/6941>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

## SENTIDO INVERSO

Rosângela Dias Carvalho do Nascimento

A seguir, recortes da existência de mim mesma. Curadoria nada fácil de realizar. Quais instâncias da minha vida merecem destaque? E, se merecem, por que expor algo que parece ser tão meu? Possivelmente essas questões ficarão sem resposta, mas, para atender a demanda de uma disciplina da pós-graduação, cá estou expondo-me. Trata-se de fotografias que guardam relação com a minha travessia até chegar ao mestrado em Computação, Comunicação e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – um sonho cujo trajeto se entrecruza com a chegada da pandemia ao Brasil. Neste caso, o meu papel de curadora é construir uma narrativa por meio de fotografias e expô-las de forma a expressar uma ideia de parte da minha história, por meio da arte. Não sou artista. Sou apenas uma estudante, pesquisadora, não sei. Sou alguém que recebeu convite para produzir arte e que, pela primeira vez, busca uma maneira de conectar-se com o leitor por meio da imagem. Dessa forma, dialogando com Jean Davallon e com Candau, seguem algumas produções imagéticas cujo processo de criação é inspirado na trilha que me conduziu à realização do sonho da pós-graduação *stricto sensu*.

Antes de narrar a travessia percorrida até chegar à

pós-graduação *stricto sensu*, convém ponderar sobre essa faculdade que o cérebro tem de guardar e resgatar informações diversas. Como caminhar por esse labirinto de situações vividas, sem ter conhecimento do que encontraremos pela frente? O que nos aguarda nessa visita ao passado, mesmo que não seja tão distante? Como entrar nesse jogo sem ter certeza de que estamos preparados para os resultados?

A partir de Candau, observamos que “A memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, tal como mostram os trabalhos sobre as lembranças de traumas e tragédias”. Neste sentido, o autor pontua: “De fato, o jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos”. (2016, p. 18)

### ACIONANDO A MEMÓRIA

Davallon observa que “para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. O autor pontua sobre a importância de que esse evento” conserve uma força a fim de poder posteriormente fazer impressão. Porque é essa possibilidade de fazer impressão que o termo ‘lembrança’ evoca na linguagem corrente.” (2015, p. 22-23). Partindo dessa constatação, seguem alguns pedaços de lembranças presentes na trilha que vem sendo percorrida em direção a um sonho: a pós-graduação *stricto sensu*.

Em março de 2020, por ocasião da pandemia da COVID-19, fomos enclausurados em nossas residências para evitar a propagação do vírus. Nesse período, além de dedicar-me às minhas pesquisas com foco na aprovação em um mestrado, procurei cultivar um pé de Amaryllis que ganhei do meu esposo. Em nosso apartamento já existiam outras plantas, mas a Amaryllis surpreendeu-nos com três lindos botões que romperam o bulbo e foram roubando a cena, à medida que cresciam.

Desde a época de preparação para o processo de seleção do mestrado, tem sido um período conturbado. Tenho visto parentes e amigos meus partirem, tornando essa travessia ainda mais complexa e desafiadora. Em tempos de morte, tenho cultivado a vida. Em momentos de pesadelo, tenho alimentado o sonho. Tem sido assim, em simultâneo ou alternadamente: dissabor e alegria, ranço e avanço, cair e levantar, descontentamento e esperança. Finalmente (e felizmente), fui aprovada para o Programa de pós-graduação em Computação, Comunicação e Artes, da UFPB.

## **O GATILHO DAS MEMÓRIAS**

Entre os componetes curriculares do curso, foi-me oferecido Tópicos Especiais em Processos Teóricos e Históricos em Artes Visuais, ministrado pelo professor Robson Xavier da Costa e pela professora Maria Betania E Silva. As aulas aconteceram como se fossem um oásis em meio ao deserto. Normalmente iniciada com uma música suave, era seguida da leitura e debate sobre obras de arte diversas. Os textos indicados para análise e

todo o processo das aulas tinham como finalidade introduzir-nos “nos estudos sobre memória e narrativa”, de modo a fazer-nos perceber o nosso “papel nos registros de trajetórias autobiográficas de formação com foco nas Artes Visuais.”

As discussões trazidas nas aulas acionaram a minha memória, à medida que a professora e o professor incentivavam a turma a produzir imagens, priorizando um de nossos sentidos. Dessa forma, após cada ministração éramos convidados a usar a nossa criatividade e a realizar uma produção imagética. Esse fazer artístico funcionou como um gatilho, ativando a minha memória e possibilitando ressignificar as experiências que fazem parte da minha trajetória acadêmico-profissional e pessoal.

Por meio das aulas, pude perceber com Jean Davallon que “a imagem é antes de tudo um dispositivo que tem a capacidade, por exemplo, de regular o tempo e as modalidades de recepção da imagem em seu conjunto ou a emergência da significação.” Assim, ela funciona como “um dispositivo, lembremo-nos, que por natureza é durável no tempo.” (2015, p. 28).

## **TRECHOS DE MIM**

Filha de uma costureira e de um fabricante de bolsas artesanais, passei a infância observando meus pais trabalhando em casa para manter os nove filhos que tiveram. Como criança, eu adorava recolher retalhos e restos de fivelas, e com eles idealizar novas peças. Assim,

com os retalhos fazia roupas de boneca e com restos de bolsas e peças de fivelas idealizava colares e pulseiras. Sonhava em ser bailarina e pianista. Casei-me aos dezesseis anos, fui mãe aos dezessete. Meu esposo e nosso filho são grandes parceiros em meus projetos.

Concluí Ensino Médio em uma escola pública e, após várias tentativas para ingressar em uma universidade pública, finalmente consegui. Hoje sou graduada em Comunicação Social, com habilitações em Jornalismo e em Relações Públicas, especialista em Filosofia da Educação e, atualmente, estou aguardando receber novo diploma: Licenciatura em Pedagogia. Em simultâneo, estou realizando o sonho da pós-graduação strictu sensu, no mestrado em Computação, Comunicação e Artes da UFPB.

Quando concluí a primeira graduação, trabalhei como Relações Públicas em uma Galeria de Artes, em João Pessoa, e paralelamente iniciei nova habilitação em Jornalismo. Ao concluir este curso, trabalhei como repórter em uma empresa de comunicação que tinha ligação com a maior rede de radiojornalismo do país, naquela época. Esse trabalho significou muito para mim porque diariamente eu publicava notícias em rede nacional.

## **NA TRILHA DA EDUCAÇÃO**

Fui movida para a área da Educação quando ingressei no Projeto Avança Nordeste, ministrando cursos profissionalizantes para jovens e adultos em diversas cidades do interior da Paraíba. Em seguida, fui para o Serviço Nacio-

nal de Aprendizagem Comercial-PB, onde continuei trabalhando com jovens e adultos, como Orientadora de Aprendizagem.

Em 2011, fui convidada para ser assessora de comunicação em um projeto de apoio a crianças que viviam em situação de vulnerabilidade social. Ali nasceu a ideia de trabalhar a reportagem como recurso didático. Isso aconteceu porque algumas vezes as professoras (voluntárias da instituição) faltavam e eu precisava substituí-las, assumindo, simultaneamente, várias turmas, que, juntas, somavam cerca de trinta crianças.

Em uma daquelas ocasiões, resolvi brincar com as crianças de "ser repórter", começando a entrevistá-las. Imediatamente, muitas delas pediram para ser, elas próprias, repórteres. Nasceu ali o objeto de pesquisa que venho desenvolvendo: a reportagem como instrumento didático.

Lembro-me que foi a partir dessa vivência com as crianças que veio a decisão de especializar-me em Filosofia da Educação e, logo a seguir, ingressei na licenciatura em Pedagogia. Quando estava prestes a concluir a licenciatura, iniciei os estudos no Mestrado. A essa altura, é interessante observar com Candau que

a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nu-

trem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (2016, p. 16).

## **INTERFACES DA TRAVESSIA**

Esses apontamentos até aqui levantados merecem destaque, considerando com Davallon que “o registro do ‘acontecimento’ deve construir memória, quer dizer: abrir a dimensão, entre o passado originário e o futuro, a construir, de uma comemoração.” O autor pontua ainda sobre a “necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade”. (2015, p. 22-23). Nesse sentido, é possível dizer que minhas experiências acadêmicas e profissionais proporcionaram interfaces entre Educação e Comunicação, gerando pesquisas interdisciplinares nestas áreas, com foco no uso pedagógico de tecnologias digitais, sobretudo celulares multifuncionais, no ambiente escolar.

A análise dessas interfaces foram ampliadas em pesquisas bibliográficas ao iniciar investigações no sentido de compreender em que medida reportagens em vídeo elaboradas pelos próprios estudantes, por meio de teatro, poderia despertar-lhes interesse pelas aulas. O resultado da pesquisa bibliográfica iniciada na pós-graduação resultou na publicação de um livro e de artigos que vêm compondo anais de alguns eventos científicos nacionais e internacionais. Esses trabalhos têm observado possibilidades pedagógicas no contexto da

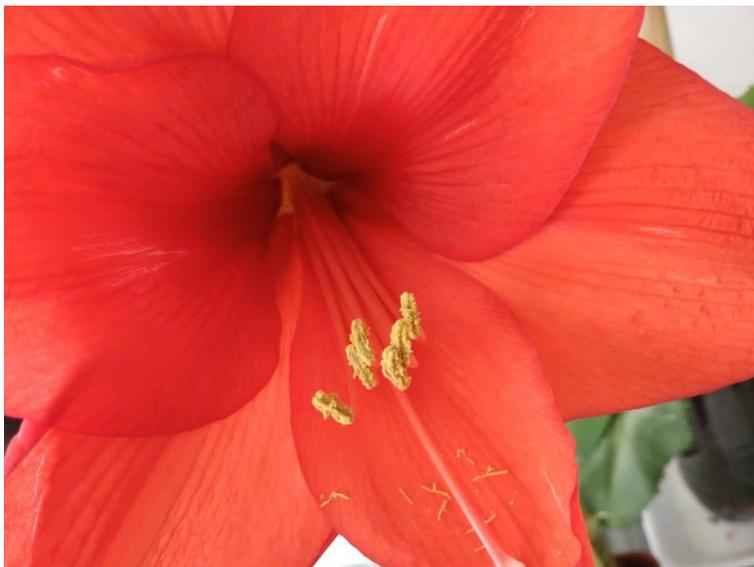
cultural digital, a partir do uso didático de celulares para elaboração de reportagens produzidas, apresentadas e dirigidas pelos próprios estudantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar das dificuldades enfrentadas, hoje, após essas experiências acadêmicas e vivências sociais e profissionais, percebo que minha curiosidade epistemológica tem sido estimulada e fortalecida. Embora a pandemia tente afogar meus planos, canto com Milton Nascimento: “Vou seguindo pela vida [...] Tenho muito que viver [...] Já não sonho, hoje faço com meu braço o meu viver. Afinal de contas, a Amaryllis que parecia ter morrido, apenas aguarda outras chuvas para poder brotar novas folhas e roubar novamente a cena com a exuberância de suas flores. É justo, então, ilustrar esse trabalho com a Amaryllis, símbolo de trecho da minha trajetória pessoal-acadêmico-profissional até chegar ao Mestrado em Computação, Comunicação e Artes, da Universidade Federal da Paraíba.

Apresento, a seguir, imagens produzidas a partir dos sentidos, lembrando com Davallon: “aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de produção de significação; esta não lhe é transmitida ou entregue toda pronta.” (2015, p. 26).

**Figura 1 – Rosângela Dias C. Do Nascimento,  
Cheiro de realizações, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Rosângela Dias, 2021.

**Figura 2 – Rosângela Dias C. Do Nascimento,  
Projetos à vista, fotografia, 2021.**



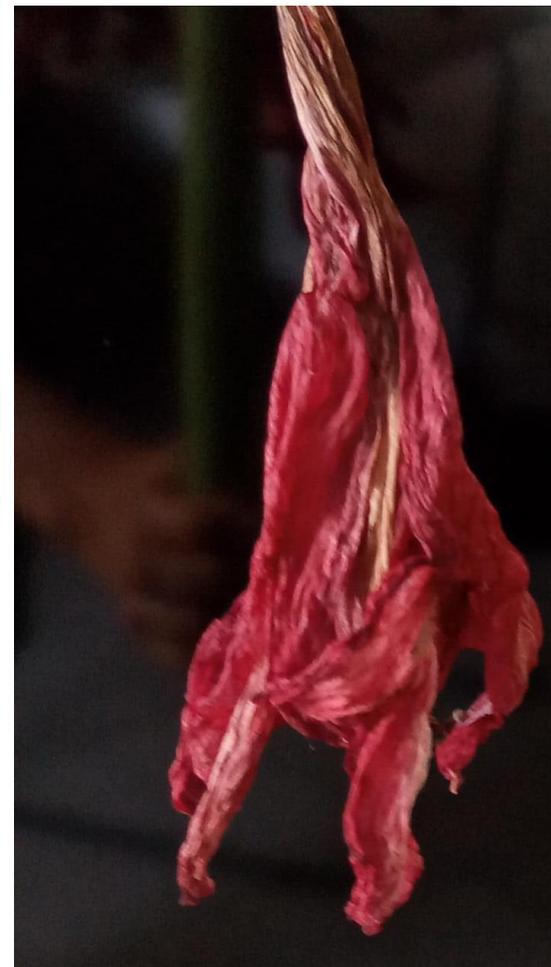
Fonte: Acervo pessoal de Rosângela Dias, 2021.

**Figura 3 – Rosângela Dias C. Do Nascimento,  
Temores audíveis, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Rosângela Dias, 2021.

**Figura 4 – Rosângela Dias C. Do Nascimento,  
Sentido inverso, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Rosângela Dias, 2021.

**Figura 5 – Rosângela Dias C. Do Nascimento,  
Ao sabor de cada fase, fotografia, 2021.**



Fonte: Acervo pessoal de Rosângela Dias, 2021.

## REFERÊNCIAS

BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. **Travessia**. Intérprete: Milton Nascimento. Álbum: Travessia. Local e ano de divulgação: Rio de Janeiro, 1967. Letra e música disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=kDe-3qOhrJLo>. Acesso em: 05.07.2021.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

DAVALLON, Jean. **A imagem, uma arte de memória?** In: ACHARD, Pierre at al. Papel da memória. Tradução e introdução: José Horta Nunes - 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

NASCIMENTO, Rosângela Dias Carvalho do. **A reportagem como instrumento didático: perspectivas e possibilidades**. João Pessoa: Ideia, 2016.

NASCIMENTO, Rosângela Dias Carvalho do. Mobilizando inteligências em direção a uma escola mais humana. In: **Anais da II Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação**. Natal-RN - Campus Natal-Central do IFRN, 2017. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/iijorneduc/52978-mobilizando-inteligencias-em-direcao-a-uma-escola-mais-humana/>. Acesso em: 05.07.2021.

## ORGANIZADORES

### **Dr<sup>a</sup>. Maria Betânia e Silva**

Doutora em Educação pela UFMG (2010). Mestre em Educação pela UFPE (2004). Graduada em Educação Artística/Artes Plásticas – Licenciatura, pela UFPE (1992). Graduanda em Filosofia pela UFPE (2020). Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Investigadora do Ensino das Artes Visuais com ênfase nas temáticas: memórias, história do ensino de arte, formação docente em arte, práticas pedagógicas em arte.

### **Dr. Robson Xavier da Costa**

Artista visual, curador, arte/educador e arteterapeuta. Pós-Doutor em Estética e História da Arte (PGEHA MAC USP); Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFRN e PPG em Arquitetura da UMinho, Portugal); Mestre em História (PPGH UFPB); Especialista em Educação Especial (CE UFPB); com formação em Arteterapia (Clínica Pomar RJ). Licenciado em Educação Artística/Artes Plásticas (UFPB). Docente da graduação em artes visuais do DAV/UFPB; Docente da Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE) e em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFPB). Investigador da área de Artes Visuais, curadorias, história das exposições, ensino das artes visuais e acessibilidade cultural.

## AUTORES/AS

### **Cássia Cristina Dominguez Santana**

Mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE) na linha de pesquisa Processos Criativos em Artes Visuais; Graduada em Design de Moda pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG). Integra o grupo de pesquisa Arte, Museus e Inclusão - AMI vinculado à UFPB/CNPq e participa do grupo STUDIOLLO: Ornamento, Arte, Tecido e Memória vinculado à EBA/UFMG/CNPq.

### **Cláudia Magalhães**

Mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Especialista em Arte Educação pela Faculdade Campos Elíseos (2017). Especialista em Arte e Tecnologia pela UFRPE (2019). Graduada em Pedagogia pela UFPE (2015). Graduanda em Artes Visuais com Ênfase em Digitais (UFRPE). Gestora cultural em uma instituição sem fins lucrativos. Uma associação de cunho artístico, histórico, cultural e defesa dos direitos sociais. Monitora no Projeto Brincarte da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Contadora de Histórias pelo Instituto Federal do Sertão Pernambucano - Campus Petrolina (2020) Pesquisadora do campo das Artes Visuais e a pessoa com deficiência visual, procurando entender como o docente de Artes Visuais trabalha com a pessoa com deficiência visual na sala de aula.

### **Cristiane Peres Dias**

Artista visual, paraibana, pesquisadora e mestranda pelo PPGAV/UFPB – UFPE. Tem o trabalho voltado para a experimentação, partindo do princípio da gravura no campo ampliado. Aborda narrativas urbanas junto as possibilidades de integração do pensamento gráfico às práticas relacionais, decoloniais e pedagógicas.

### **Elthon Ferreira Ribeiro**

Mestrando em Computação, Comunicação e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), especialista em Jornalismo pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (Faveni) e graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Aluno especial do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade (UEPB). Atualmente pesquisa sobre o aumento do consumo das plataformas de streaming durante a pandemia do novo Coronavírus sob a orientação do professor Dr. Ed Porto Bezerra. E-mail: thon.ferreira@hotmail.com.

### **Emmanuely Ribeiro de Abreu**

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação – UFPE. Graduada em Rádio, TV E Internet pela mesma Universidade. Fotógrafa e Videomaker.

### **Eva Caroline de Sena Castro**

Mestranda pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPB e UFPE, Especialista em História do Brasil pela FADIMAB (2015), Graduada em História pela FADIMAB (2014) e Tecnóloga em Design de Interiores pelo IFPB (2019), atualmente integra a Rede de Pesquisa e (In) Formação em Museus, Memória e Patrimônio na UFPB.

### **Geórgia Ribeiro**

Arquiteta e Urbanista formada pela Universidade Federal da Paraíba. Atuou como colaboradora de ações de educação patrimonial nas escolas da cidade de João Pessoa e, atualmente, é fotógrafa de produtos e alimentos, especializada no estilo flat lay.

### **Ingrid Borba**

Mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB (2020). Onde desenvolve a pesquisa "Alinhavar: Poéticas Têxteis e Narrativas Docentes sobre a Formação Inicial em Artes Visuais". É Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE (2018). Graduada em Design Gráfico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, IFPE (2014). No período de 2016 à 2017, participou como estudante bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, PIBID Artes Visuais (2016) e posteriormente foi pesquisadora bolsista no programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Pes-

quisa Científica PIBIC (2017). Atua profissionalmente como arte/ educadora, artista visual e designer gráfico em editais e projetos culturais.

### **Jayse Antonio da Silva Ferreira**

Escritor, arte educador formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com especialização em Psicopedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA). Atua a mais de 15 anos como professor e tem experiência em Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA, onde vem dedicando-se a aplicação mais dinâmica das diversas linguagens artísticas, em especial a Fotografia e o Cinema.

### **Jefferson Valentim**

Sou autista, Artista digital e Mestrando em Computação, Comunicação e Artes pela Universidade Federal da Paraíba. Graduado em Comunicação Social com ênfase em Educação pela Universidade Federal de Campina Grande e Graduando em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Universidade Cruzeiro do Sul.

### **Leandro Garcia**

Doutorando em Artes Visuais na Universidade de Brasília (UnB); Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na área de Ensino de Artes Visuais; Especialista em Cinema pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); graduado em Licenciatura de Artes Visuais (UFRN). Membro do Grupo de Pesquisa

Metodologias, Educação e Materiais em Artes Visuais (UnB) e Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão – AMI (UFPB). Arte educador, artista multimídia e designer digital, atua entre outras áreas em processos autobiográficos, moda, apropriação fotográfica em redes sociais e poéticas da visualidade. Atualmente dedica-se a pesquisa de metodologias de investigação baseada em artes, a/r/tografia, autoformação, pintura autobiográfica em técnicas mistas e com utilização de materiais alternativos, assim como, a construção subjetiva da identidade no ensino formal e não-formal de artes.

### **Leandro Ismael**

Leandro Ismael de Azevedo Lacerda é arquiteto e urbanista, formado pela Universidade Federal da Paraíba (2018) e tem experiência como pesquisador nas áreas de representação gráfica; paisagismo; gestão do patrimônio cultural e edificado; acessibilidade e educação urbana. Em paralelo, também é artista visual, e desenvolve trabalhos de desenho, pintura, fotografia, animação, ilustração digital e design gráfico - com ênfase na elaboração de logotipos e identidade visual, criação de personagens e storyboard, diagramação e montagem de livros ilustrados. Por fim, é aluno do mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Computação, Comunicação e Artes (PPGCCA-UFPB), e lá pesquisa sobre acessibilidade aplicada ao processo de desenvolvimento de jogos eletrônicos.

### **Louise dos Reis Gusmão Andrade**

Mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE. Licenciada em Artes Visuais DEART/UFRN.. Pesquisa as questões de feminilidade, feminismos, e hierarquização de gênero, com ênfase na Arte Têxtil Contemporânea. Através da fazedora tradicional do bordado, investiga de que maneira as narrativas de memórias autobiográficas se espelham nas materialidades das poéticas visuais do processo criativo têxtil, e suas reverberações na esfera micropolítica.

### **Luciene Torres de Carvalho Nunes**

Graduada em Design de Produto pela UFPE, Pós-Graduação / Especialização em Artes Visuais -SENAC. Discente Pós-Graduação / Mestrado em Artes Visuais – UFPB/UFPE, 2021 e Bolsista da Capes. Artista visual com exposições nacionais e internacionais. Exposições coletivas e individuais. Participações em Salões de Artes. Atua na área do Design Social há mais de 12 anos. Professora universitária até 2020. Escreve para a Revista Têmpera, desde 2019.

### **Maisa Cristina da Silva**

Mestranda no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco. Especialista em Arte/Educação pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP (2012), Graduada Educação Artística - Habili-

tação Artes Plásticas, Universidade Federal de Pernambuco -UFPE (2009). Diretora da Escolinha de Arte do Recife. Professora em Jaboatão dos Guararapes/PE.

### **Natália de Araújo Costa**

Artista Visual. Mestranda em artes visuais, pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE); Licenciada em História (UFPE); licencianda em artes visuais (UFPB).

### **Patrícia Correia Vilela da Silva**

Mestranda, bolsista da Capes, do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Especialista em Arte e Tecnologia (UFRPE) e Metodologia do Ensino Superior e EaD (FAEL). Graduada em Licenciatura em Educação Artística/ Artes Plásticas (UFPE) e Design Gráfico (IBRATEC). Atualmente pesquiso Formação do Professor em Artes Visuais e sua relação com a Tecnologia.

### **Raisa Filgueira Soares Gomes**

Arquiteta e Urbanista pela UNIPÊ (2015), Especialista em Gestão e Prática em Obras de Conservação e Restauo do Patrimônio Cultural pelo CECI/UFPE (2016), Graduada no Curso de Bacharelado em Artes Visuais pela UFPB e Discente da Pós-Graduação em Artes Visuais pelo PPGAV UFPB/UFPE.

## **Raquel Nascimento de Brito Vasconcelos da Silva**

Mestranda do Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais (UFPB/UFPE). Integra o Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais (GPEAV). Especialista em Metodologia do Ensino de Artes – Centro Universitário Internacional Uninter / PR; Licenciada em Educação Artística / Artes Plásticas – Universidade Federal do Rio Grande do Norte/RN; Artista visual; Professora de Arte no ensino fundamental, médio e EJA em escolas estaduais do RN e PB. E-mail: quel\_nascimento@live.com

## **Rosângela Dias Carvalho do Nascimento**

Jornalista, Relações Públicas, Radialista, Pedagoga, Especialista em Filosofia da Educação, Licenciada em Pedagogia e mestranda em Computação, Comunicação e Artes. Sua experiência profissional transita por todos esses processos formativos. Atualmente desenvolve pesquisas interdisciplinares nessas áreas, buscando compreender em que medida reportagens em vídeo elaboradas por estudantes, por meio de celulares, pode trazer benefícios pedagógicos. As reportagens são realizadas em forma de teatro, em que os estudantes figuram como “repórteres”, “apresentadores”, “diretores” e produtores de reportagens em vídeo. É autora do livro “A reportagem como instrumento didático: perspectivas e possibilidades” e de alguns artigos científicos nos quais apresenta os resultados de suas pesquisas.